



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE BIOLOGIA

CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CATALÓGO DOS ANFÍBIOS ANUROS DA COLEÇÃO DE ANFÍBIOS DO MUSEU
DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA PRESENTES NO
LITORAL NORTE DO ESTADO DA BAHIA

por

CARINA GONÇALVES MASCARENHAS DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de
Biologia da Universidade Federal Bahia como exigência
para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas

Orientador: Dr. Marcelo Felgueiras Napoli

Salvador, BA

(2018)

RESUMO

As coleções zoológicas são conjuntos de animais coletados em seu ambiente natural e preservados de modo ordenado. Em estudos taxonômicos, as coleções zoológicas são imprescindíveis para realizar análises e para tanto os espécimes devem estar disponíveis aos pesquisadores. A representatividade de coleções zoológicas depende da sua capacidade de funcionar como um repositório da variação existente nas populações das espécies e os espécimes zoológicos nelas depositados são a base de informação para estudos sobre zoologia teórica e prática. O Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia (MHNBA) foi criado em 30 de outubro de 2003 e reúne alguns dos maiores acervos faunísticos existentes na Região Nordeste e, mesmo, do Brasil. Nesse quesito, a coleção de anfíbios, a qual conta correntemente com aproximadamente 17 mil espécimes é uma das maiores coleções do Nordeste. O objetivo principal desse estudo foi construir catálogo digital das espécies de anfíbios anuros com ocorrência para o litoral norte do estado da Bahia, Brasil, depositadas no MHNBA, focando na análise dos caracteres morfológicos externos para diagnose de família, gênero e espécie. O acervo de anfíbios do MHNBA possui representantes de duas ordens, 19 famílias, 51 gêneros e 162 espécies. A coleção de anfíbios anuros do MHNBA conta com 16.042 espécimes no banco de dados CadZoo, mais especificamente 15.951 espécimes adultos, distribuídos em 159 espécies válidas e essas 159 espécies também ocorrem na Bahia, o que torna essa coleção a maior da região Nordeste. Quanto ao litoral norte do estado da Bahia, existem 56 espécies de anfíbios anuros, distribuídos em 25 gêneros e 8 famílias. O Catálogo possui representantes de todas as espécies do litoral norte.

Palavras-chaves: Coleções, zoologia, museu, anfíbios, catálogo.

ABSTRACT

Zoological collections store animals collected in their natural environment to preserve in a orderly manner. Zoological collections are essential for the analyses in taxonomic studies, and for that the specimens must be available to the researchers. The representativeness of zoological collections depends on their ability to act as a repository of the variation in species populations and the zoological specimens housed therein are the source of information for zoology studies. The Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia (MHNBA) was created on October 30, 2003 and brings together some of the largest faunal collections of the Northeast and even Brazil. This item, a collection of amphibians, is a magazine with a frequency of 17 thousand examples is one of the largest collections in the Northeast. The main objective of this study was to build a digital catalog of anuran amphibian species occurring in the northern coast of the state of Bahia, Brazil, housed in MHNBA, focusing on the analysis of external morphological characters for family diagnosis, gender and species. The amphibian collection of the MHNBA has representatives from two orders, 19 families, 51 genera and 162 species. The MHNBA collection of anuran amphibians has 16,042 specimens in the CadZoo database, more specifically 15,951 adult specimens, distributed in 159 valid species, which makes this collection the largest in the Northeast region. For the northern coast of the state of Bahia, there are 56 species of anuran amphibians, distributed in 25 genera and 8 families. The Catalog has representatives of all species of the north coast.

Palavras-chaves: collections, zoology, museum, amphibian, catalog.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo total apoio e incentivo em todos os momentos. Em especial aos meus pais, Carlos e Telma e a minha irmã Larissa, que sempre estiveram ao meu lado, me dando forças e aguentando eu reclamar dia e noite durante todo o processo de escrita deste tcc.

Ao meu namorado, Leonardo, pelo amor, por sempre estar comigo em qualquer situação e também por ser minha alegria quando me sentia agoniada com o dia a dia na faculdade.

Às minhas colegas de curso, em especial a Ivana e Tiana, por sempre conversar e me tranquilizar na correria da rotina da faculdade e por desestressar da loucura que a universidade é. E a minha amiga Iris, que nessa reta final foi de fundamental importância, pois estava comigo me incentivando.

À meu orientador, professor Dr. Marcelo Napoli, por sempre acreditar em mim e me ajudar imensamente em todos os momentos, desde que entrei no Amphibia.

À todos os meus colegas de laboratório (Allana Martins, Camila Trevisan, Cássio Rachid, Jamile Nascimento, Heitor Lesquives, Lucas Menezes, Mariana Isabela, Patricia Mota, Rafael Abreu e Thiago Perdigão), o meu muito obrigada. Sem vocês, nada disso seria possível.

À minha tutora, Allana Martins, muito obrigada pela ajuda na escrita deste tcc e pelos conselhos.

Ao meu coorientador, Rafael Abreu, você me ajudou demais nesse tcc e estava sempre pronto a me ajudar no que fosse necessário.

Aos membros da banca, Msc. Camila Trevisan e ao Msc. Lucas Menezes pelo aceite ao convite de participação e pelas sugestões feitas ao trabalho de conclusão de curso.

Universidade Federal da Bahia, pelo conhecimento oferecido e pela bolsa de Iniciação Científica a mim concedida (PIBIC) no ano de 2018.

LEGENDA DA TABELA

Tabela 1: Tabela 1: Espécies de anfíbios anuros depositados na coleção de zoologia do Museu de História Natural da Bahia (MHNBA) que estão presentes no Litoral Norte. F: Indivíduos fotografados depositados no MHNBA. N: número de espécimes depositados no MHNBA para o estafo da Bahia.

APÊNDICE

Figura 1: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositadas no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Allobates olfersioides* (UFBA 8270); (c-d) *Rhinella granulosa* (UFBA 12672); (e-f) *Rhinella hoogmoedi* (UFBA 3868); (g-h) *Haddadus binotatus* (UFBA 13790).

Figura 2: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositadas no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Boana albomarginata* (UFBA 5952); (c-d) *Boana faber* (UFBA 7786); (e-f) *Boana pombali* (UFBA 4606); (g-h) *Boana raniceps* (UFBA 16176).

Figura 3: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositadas no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Boana semilineata* (UFBA 3892); (c-d) *Dendropsophus haddadi* (UFBA 10110); (e-f) *Dendropsophus oliverai* (UFBA 10358); (g-h) *Dendropsophus rubicundulus* (UFBA 9430).

Figura 4: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositadas no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Itapotihyla langsdorfii* (UFBA 3901); (c-d) *Phyllodytes wuchereri* (UFBA 9629); (e-f) *Scinax auratus* (UFBA 4042); (g-h) *Scinax cretatus* (UFBA 9079).

Figura 5: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositadas no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Scinax fuscomarginatus* (UFBA 9061); (c-d) *Sphaenorhynchus prasinus* (UFBA 13652); (e-f) *Trachycephalus atlas* (UFBA 12397); (g-h) *Trachycephalus mesophaeus* (UFBA 4454).

Figura 6: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositadas no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Leptodactylus macrosternum* (UFBA 14591); (c-d) *Leptodactylus mystaceus* (UFBA 12997); (e-f) *Leptodactylus mystacinus* (UFBA 5815); (g-h) *Leptodactylus troglodytes* (UFBA 7695).

Figura 7: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositadas no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Leptodactylus vastus* (UFBA 14045); (c-d) *Physalaemus cuvieri* (UFBA 8180); (e-f) *Physalaemus kroyeri* (UFBA 15923); (g-h) *Physalaemus signifer* (UFBA 6430).

Figura 8: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositadas no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Chiasmocleis sapiranga* (UFBA 11866); (c-d) *Dermatonotus muelleri* (UFBA 15232); (e-f) *Elachistocleis cesarii* (UFBA 13350); (g-h) *Proceratophrys renalis* (UFBA 10460).

Figura 9: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositadas no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Hylomantis aspera* (UFBA 8293); (c-d) *Phyllomedusa bahiana* (UFBA 15685); (e-f) *Pithecopus nordestinus* (UFBA 15865).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
MATERIAL E MÉTODOS	4
Local do estudo.....	4
Espécimes examinados	4
Aquisição de imagens fotográficas	4
Catálogo de espécies	5
RESULTADOS E DISCUSSÃO	6
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	7

INTRODUÇÃO

O que são coleções zoológicas?

“As coleções zoológicas são conjuntos de animais coletados em seu ambiente natural e preservados de modo ordenado para que permaneçam como testemunhos em condições de estudo por tempo indefinido” (De Vivo 1999). Entre esses animais preservados estão tipos primários, material-testemunho, material proveniente de habitats que desapareceram e espécimes-tipo utilizados para descrever, reconhecer e elucidar diversas questões importantes para a ciência, entre elas, e mais usualmente, problemas taxonômicos (Papavero 1994).

Coleções zoológicas, para que servem?

A importância das coleções zoológicas é ampla e de caráter multidisciplinar e pode ser resumida em dois eixos principais (Ingenito 2014): (1) pesquisa em disciplinas que estudam a descrição, evolução (filogenia) e classificação dos táxons e (2) base do conhecimento científico para pesquisas futuras. Todavia, sua importância ultrapassa estes dois eixos e será brevemente apresentada nas linhas abaixo.

Em estudos taxonômicos, as coleções zoológicas são imprescindíveis, já que é necessário examinar minuciosamente os espécimes zoológicos focais da pesquisa, quer tenham sido ou não, mencionados anteriormente na literatura. Para que tais análises possam ser realizadas, os espécimes devem estar adequadamente preservados e disponíveis aos pesquisadores, o que torna as coleções zoológicas fonte indispensável à pesquisa em Taxonomia Zoológica (Papavero, 1994). A representatividade de coleções zoológicas depende da sua capacidade de funcionar como um repositório da variação existente das populações das espécies (Papavero 1994). Quanto mais representativa em número de espécies e espécimes for a coleção zoológica de um determinado grupo taxonômico, maior será a capacidade da coleção oferecer variação intra e interespecífica e, por consequência, maior será a chance do taxonomista obter sucesso em suas análises (Papavero 1994). Ainda neste contexto, os espécimes zoológicos nelas depositados são a base de informação para estudos sobre zoologia teórica, destacando-se os estudos sobre a **evolução dos grupos taxonômicos**, como os estudos filogenéticos, os quais têm como produtos as **hipóteses de relacionamento filogenético** entre os diferentes táxons, e os estudos **biogeográficos**, nos quais gera-se hipóteses sobre os processos que esculpiram os padrões biogeográficos conhecidos.

Enquanto **testemunhos da biodiversidade**, as coleções zoológicas e servem como base para estudos futuros. Os registros e espécimes de coleções zoológicas são utilizados para produção de novos conhecimentos em áreas do conhecimento diversas, como em agricultura, biogeografia, biologia da conservação, bioquímica, biotecnologia, ecologia, epidemiologia, evolução, genética, legislação, medicina e toxicologia. Os acervos das coleções, por consequência, são utilizados por diversas instituições de ensino e pesquisa, zoológicos, centros de controle de intoxicações, agências do governo municipal, estadual e federal, consultorias industriais e ambientais e órgãos judiciários e legislativos (Young 2003). Ainda neste contexto, **são testemunhos da fauna que existiu em diversos ambientes que já sofreram alterações antropomórficas**, já que com a restrição das coletas em habitats que se tornaram protegidos ou de espécies que se tornaram ameaçadas, somadas às mudanças culturais, destruição de habitats e a própria extinção das espécies, as coleções zoológicas possuem registros e espécimes, não podendo ser coletados novamente (Young 2003). Ainda neste contexto, **são testemunhos da fauna que existiu em diversos ambientes que já sofreram alterações antropomórficas**, já que com a restrição das coletas em habitats que se tornaram protegidos ou de espécies que se tornaram ameaçadas,

somadas às mudanças culturais, destruição de habitats e a própria extinção das espécies, as coleções zoológicas possuem registros e espécimes, não podendo ser coletados novamente (Young 2003).

As coleções zoológicas representam **bancos de tecidos/genes/moléculas e organismos** para estudos de biotecnologia, como desenvolvimento de novos fármacos e melhoramento genético. As coleções zoológicas passaram a incorporar outros materiais de origem animal além do próprio espécime, como amostras de tecidos animais para análises moleculares. Além disso, correntemente, incorporam **bancos de vocalizações para análises bioacústicas** e **bancos de imagens** dos espécimes em vida, em preservativo e dos ambientes ocupados pelos mesmos, sendo, portanto, referência futura sobre os ecossistemas originais de cada espécime (MF Napoli *com. pess.*)

Coleções Zoológicas representam a **herança cultural sobre a história** e resultado de gerações de cientistas que desvendaram (e continuam desvendando) a riqueza da biota do país. A história das coleções mistura-se à história dos pesquisadores e colaboradores que coletaram, depositaram e pesquisaram os táxons nelas depositados sob um viés cultural, social e político da época. Junto aos exemplares há extensa documentação sobre fatos que paralelamente moldaram as vidas daqueles atores e culminaram nas coleções *per se* (MF Napoli *com. pess.*).

O Museu de História Natural e a coleção de anfíbios

O Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia (MHNBA) foi criado em 30 de outubro de 2003, após aprovação na egrégia congregação do Instituto de Biologia da UFBA (MZUFBA 2010; Napoli 2015). O MHNBA inclui dois setores que abrigam coleções científicas, o **Museu de Zoologia** (MZUFBA) e o **Hebrário Alexandre Leal Costa** (ALCB) (Napoli et al. 2018). O acervo corrente do Setor Museu de Zoologia tem sua origem na antiga “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”, criada em 1943, com a incorporação da Coleção de borboletas do Dr. Pedro de Araújo (aproximadamente 1000 exemplares predominantemente oriundos do sul do Brasil). A partir da década de 1980, houve rápido crescimento na formação e incorporação de pesquisadores voltados ao estudo da Zoologia e Botânica, o que culminou no aumento exponencial dos acervos zoológicos. Parte desta história pode ser acessada no sítio da web do Museu de Zoologia da UFBA (<http://www.mzufba.ufba.br/WEB/História.html>).

O setor “**Museu de Zoologia**” reúne alguns dos maiores acervos faunísticos existentes na Região Nordeste e, mesmo, do Brasil. As coleções zoológicas somam correntemente mais de 300 mil espécimes da fauna brasileira.

A título de sua dimensão e importância para este estudo, destaca-se a **coleção de anfíbios**, a qual conta, correntemente, com aproximadamente 17 mil espécimes e desponta como a maior coleção de anfíbios da região Nordeste do Brasil. Soma-se ainda as coleções de tecidos animais destinados a análises moleculares, com milhares de alíquotas de tecido, coleções de sons (fonotecas: anfíbios e aves) e de imagens associadas (Napoli et al. 2018).

Todavia, a coleção de anfíbios ainda carece de publicação pormenorizada que sintetize de maneira atualizada seu acervo, como a criação de um catálogo sobre as espécies nela depositadas e provido de banco de imagens fotográficas dos espécimes em preservativo. Tal iniciativa possibilitaria a publicitação e disponibilização destes dados ao público em geral, leigo, que carece dessas informações e são fortes agentes para o reconhecimento da ciência brasileira ou profissional, e ainda incentivaria a contínua atualização e informatização dos dados. Com isso, têm-se que o litoral norte do estado da Bahia é predominantemente composta por Mata Atlântica e que as 56 espécies de anfíbios anuros ocorrentes lá, também ocorrem na coleção do MHNBA, este estudo vem ajudar a sintetizar de maneira organizada e atualizada.

OBJETIVO PRINCIPAL

Construir catálogo digital das espécies de anfíbios anuros com ocorrência para o litoral norte do estado da Bahia, Brasil, depositadas no MHNBA, para que esse catálogo seja disponibilizado online para o público em geral.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

(1) Identificar e compreender a natureza das estruturas de morfologia externa e padrões de colorido mais utilizados na Taxonomia de anfíbios anuros.

(2) Compreender o uso de caracteres de morfologia externa e de colorido na diagnose de famílias, gêneros e espécies de anfíbios anuros, com ênfase nas duas primeiras categorias taxonômicas.

(3) Disponibilizar o catálogo online dos anfíbios anuros depositados no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia, para que todos possam acessar, com imagens fotográficas e outros dados importantes para aquela determinada espécie.

(4) Apresentar de modo sintético as espécies de anfíbios anuros presentes no litoral norte do estado da Bahia depositadas no MHNBA.

MATERIAL E MÉTODOS

Local do estudo

O estudo foi desenvolvido no **Laboratório de Taxonomia e História Natural de Anfíbios (AMPHIBIA)**, localizado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. Os anfíbios utilizados neste estudo estão tombados na coleção zoológica do **Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia (MHNBA)**, localizado no Instituto de Biologia da UFBA. Os espécimes encontram-se informatizados no software **CadZoo – Banco de Dados para Cadastramento de Material Zoológico em Coleções Científicas**, desenvolvido na plataforma Microsoft Access pelo Professor Dr. Marcelo Felgueiras Napoli, e acessado a partir de microcomputador localizado no laboratório AMPHIBIA/UFBA.

Espécimes examinados

Neste estudo, foram analisadas 56 espécies de anfíbios anuros adultos que ocorrem no litoral norte do estado da Bahia, Brasil, depositadas no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia (MHNBA). Para a confirmação de suas ocorrências, seguimos Napoli et al. (2017). Seleccionamos um indivíduo por espécie de cada lote (conjunto de espécimes da mesma espécie/localidade/data), preferencialmente indivíduos adultos, totalizando 560 espécimes. Deste montante, foram fotografados 397 espécimes distribuídos em 36 espécies.

A coleção de anfíbios segue organização taxonômica no MHNBA. Os espécimes estão reunidos em lotes. Cada lote, por sua vez, é constituído por indivíduos da mesma espécie que foram coletados simultaneamente na mesma localidade e na mesma data. O acondicionamento dos espécimes é realizado em potes de vidro padronizados, com tampa plástica de rosca e vedante de plexano. Os potes de vidro, por sua vez, são armazenados em arquivos deslizantes de metal em sala climatizada do MHNBA.

Para os fins deste estudo, foram observadas as seguintes características de morfologia externa e colorido no auxílio à diagnose dos espécimes utilizados: formato da cabeça, padrão de coloração das superfícies externas dorsal e ventral, tamanho dos dedos e artelhos, presença/ausência e formato de tubérculos nas mãos e pés, presença/ausência de discos adesivos nas mãos e pés, formato da pupila, presença/ausência de apêndices palpebrais e rostrais, presença/ausência de co-ossificação craniana, presença/ausência de linha lateral e formatos do focinho e/ou da cabeça em vistas dorsal e lateral. Para identificação dos padrões (estados) de cada uma das características *supra*, foram utilizadas as seguintes referências bibliográficas: Duellman (1970), Lynch (1971), Cei (1980), Heyer et al. (1990) e Heyer (1977).

Aquisição de imagens fotográficas

Para a confecção do catálogo de espécies seleccionamos as espécies que seriam fotografadas, sendo 10 indivíduos de cada espécie (quando possível) e depois registramos em fotografia digital duas imagens de cada espécie (em vista dorsal e ventral), totalizando 720 fotografias. Porém, para a montagem das pranchas de fotografia, foram seleccionadas duas imagens de cada espécie, totalizando 38 fotografias. Os espécimes foram posicionados em aquário de vidro e imersos em solução de etanol a 70%, utilizando-se como plano de fundo para as fotografias superfície vinílica de cor cinza 18%, que é um tom neutro que é usado para calibrar o balanço de branco. Utilizamos câmera Nikon D40x montada em tripé, com lentes acopladas Micro Nikkor 105 mm ou 18-55 mm, seguindo as seguintes configurações: abertura do diafragma de f8 a f22 e velocidade do obturador de 1'' a

2”, ISO 100. Não utilizamos flash para máquina fotográfica, somente a iluminação artificial (fluorescente) do próprio laboratório. As orientações quanto às técnicas utilizadas em fotografia foram exercidas pelos MSc. Rafael Oliveira de Abreu e pelo MSc. Lucas Menezes Silva, ambos doutorandos pelo PPG em Biodiversidade e Evolução da UFBA.

Catálogo de espécies

A nomenclatura taxonômica corrente seguiu Frost (2018). Dados gerais de distribuição geográfica das espécies foram verificados em Frost (2018), IUCN (2018) e Amphibia-Web (2018).

Para as categorias de ameaça, só foram colocadas as espécies que possuíam algum grau de ameaça, como Vulnerável, Em perigo, Criticamente em perigo, Extinto na natureza e Extinto. Caso a espécie não tivesse algum grau de ameaça, foi colocado como não analisado ou como Dados Deficientes e Menos Preocupante.

Para cada espécie foi produzida uma ficha com os seguintes dados:

- a) fotografia de espécime adulto depositado no MHNBA, em vistas dorsal e ventral;
- b) categorias taxonômicas: família, nome genérico, nome específico;
- c) lista sinonímica;
- d) localidade-tipo;
- e) nome popular;
- f) etimologia;
- g) bioma (representatividade no MHNBA);
- h) atividade (hábito noturno e/ou diurno);
- i) distribuição geográfica (representatividade no MHNBA);
- j) grau de ameaça da espécie [*sensu* União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN), Lista nacional oficial de espécies da fauna ameaçadas de extinção (ICMBio) e Lista oficial das espécies da fauna ameaçadas de extinção do estado da Bahia (Secretaria do Meio Ambiente, SEMA)];
- k) referências bibliográficas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Representatividade e organização da coleção de anfíbios do MHNBA

O acervo de anfíbios do MHNA possui representantes de duas ordens, 19 famílias, 51 gêneros e 162 espécies. A coleção de anfíbios anuros do MHNBA conta com 16.042 espécimes no banco de dados CadZoo, mais especificamente 15.951 espécimes adultos, distribuídos em 159 espécies válidas e ocorrentes na Bahia também. Isso equivale a aproximadamente 16% das espécies de anfíbios anuros ocorrentes no Brasil, já que para o Brasil são reconhecidas 986 espécies válidas de anfíbios anuros (CTFB 2018). Estes números colocam a coleção de anfíbios anuros do MHNBA entre as mais representativas da Região Nordeste.

A coleção de anfíbios do MHNBA possui coleções acessórias depositadas no Laboratório de Taxonomia e História Natural de Anfíbios (AMPHIBIA), sendo elas: coleção de tecidos animais (mais de 2000 amostras), coleção de arquivos de som (mais de 1000 arquivos digitais) e coleção de arquivos de imagem. Todas as coleções estão sendo cadastrados no software CadZoo.

Quanto ao Litoral Norte do estado da Bahia, existem 60 espécies de anfíbios anuros, distribuídos em 25 gêneros e 8 famílias, sendo que 56 espécies foram tratadas neste estudo (Tabela 1).

Catálogo de anfíbios anuros do litoral norte do estado da Bahia

O Catálogo conta com 56 espécies de anfíbios anuros, distribuídas em 25 gêneros e 8 famílias. Para a melhor organização dos dados desta monografia, o catálogo foi apresentado no Apêndice 1.

Catálogo de anfíbios anuros do litoral norte do estado da Bahia

O Catálogo conta com 56 espécies de anfíbios anuros, distribuídas em 25 gêneros e 8 famílias. Para a melhor organização dos dados desta monografia, o catálogo foi apresentado no Apêndice 1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ab'Sáber, A. N. (1977).** Os domínios morfoclimáticos na América do Sul. *Primeira aproximação*. Geomorfologia 52: 1-20.
- Cannatella, D. C. (1986).** A new genus of bufonid (Anura) from South America, and phylogenetic relationships of the neotropical genera. *Herpetologica*, 197-205.
- Caramaschi, U., & Cruz, C. A. G. (2002).** Phyllomedusa: taxonomic status, habits, and biology (Amphibia, Anura, Hylidae). *Phyllomedusa: Journal of Herpetology*, 1(1), 05-10.
- Canedo, C., & Haddad, C. F. (2012).** Phylogenetic relationships within anuran clade Terrarana, with emphasis on the placement of Brazilian Atlantic rainforest frogs genus *Ischnocnema* (Anura: Brachycephalidae). *Molecular Phylogenetics and evolution*, 65(2), 610-620.
- Boeger W. A. P., Zaher H. E. D., Rafael J. A & Valim M. P. (2018)** Catálogo Taxônomico da Fauna do Brasil. Disponível em: <http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ConsultaPublicaUC>. do. Acessado em fevereiro de 2018.
- Cei, J. M. (1987).** Additional notes to «Amphibians of Argentina»: an update, 1980– 1986. *Monitore Zoologico Italiano-Italian Journal of Zoology*, 21(3), 209-272.
- De Vivo, M. (1999).** Museus e coleções zoológicas. In: Wey de Brito, M.C. & Joly, E C.A. (Eds.). Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil. São Paulo, FAPESP. p. 49-51.
- Duellman, W. E. (1970).** The hylid frogs of Middle America. 2 volumes. Monograph. Museum of Natural History, University of Kansas: 1-753.
- Duellman, W. E., & Trueb, L. (1994).** *Biology of amphibians*. JHU press, 670 p.
- Easteal, S. (1963).** "*Bufo marinus*." *Catalogue of American Amphibians and Reptiles*. American Society of Ichthyologists and Herpetologists, 395.1-395.4.
- Frost, D. R. (2018).** Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Último acesso: 21 de outubro de 2018.
- Faivovich, J., Haddad, C. F., Garcia, P. C., Frost, D. R., Campbell, J. A., & Wheeler, W. C. (2005).** Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: phylogenetic analysis and taxonomic revision. *Bulletin of the American Museum of natural History*, 1-240.
- Grant, T., Frost, D. R., Caldwell, J. P., Gagliardo, R. O. N., Haddad, C. F., Kok, P. J., ... & Wheeler, W. C. (2006).** Phylogenetic systematics of dart-poison frogs and their relatives (Amphibia: Athesphatanura: Dendrobatidae). *Bulletin of the American Museum of natural History*, 1-262.
- Grant, T., Segalla, M., Caramaschi, U., Garcia P. C. A., pplangone 2018.** *Anura in Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil*. PNUD. Disponível em: <http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/faunadobrasil/135>>. Último acesso: 06 de dezembro de 2018.

Gray, J. E. (1825). A synopsis of the genera of reptiles and Amphibia, with a description of some new species. *Annals of Philosophy*, 10, 193-217.

Heyer, W. R. (1997). Geographic variation in the genus *Vanzolinius* (Anura: Leptodactylidae). *Proceedings of the Biological Society of Washington*, 110, 338-365.

Heyer, W. R., Rand, A. S., da Cruz, C. A. G., Peixoto, O. L., & Nelson, C. E. (1990). frogs of Boracéia. *Arquivos de Zoologia (São Paulo)*, 31(4), 231-410.

Hedges, S. B., Duellman, W. E., & Heinicke, M. P. (2008). New World direct-developing frogs (Anura: Terrarana): molecular phylogeny, classification, biogeography, and conservation. *Zootaxa*, 1737(1), 1-182.

Ingenito, L. (2014). Minicurso: Curadoria de coleções zoológicas. III Simpósio sobre a biodiversidade da Mata Atlântica. Universidade Federal do Espírito Santo.

Instituto Chico Mendes de Conservação. (2016). *Livro Vermelho da fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/biodiversidade/fauna-brasileira/livro-vermelho/volumeII/Anfibios.pdf>. Último acesso: 11 de dezembro de 2018.

Lima, A. P. (2006). *Guia de Sapos da Reserva Adolpho Ducke: Amazônia Central*. Áttema Design Editorial.

Lucrecia, L., Magalhães, A. M., Nascimento, J. S., Abreu, R., Silva, L. M., Trevisan, C & Napoli, M. F. (2017, agosto). *Estado da arte da coleção de anfíbios do Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia-MHNBA*. Anais do VIII Congresso Brasileiro de Herpetologia, Campo Grande, MS.

Lynch, J. D. (1971). Evolutionary relationships, osteology, and zoogeography of leptodactyloid frogs. *Univ. Kans. Mus. Nat. Hist., Misc. Publ.*, 53, 1-238.

Marinoni, L., & Peixoto, A. L. (2010). As coleções biológicas como fonte dinâmica e permanente de conhecimento sobre a biodiversidade. *Ciência e Cultura*, 62(3), 54-57.

Ministério do Meio Ambiente. (2014). Biodiversidade – Fauna. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/mmaem-numeros/biodiversidade>. Último acesso: fevereiro de 2018.

Museu de zoologia da UFBA-MZUFBA. 2013. Coleções: Amphibia. Disponível em: http://www.mzufba.ufba.br/WEB/Welcome_A.html. Último acesso: 11 de dezembro de 2018.

Myers, N., Mittermeier, R. A., Mittermeier, C. G., Da Fonseca, G. A., & Kent, J. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, 403(6772), 853.

Napoli, M. F. (2009). Projeto de extensão universitária: Biodiversidade ao alcance de todos: Criação da primeira exposição permanente do Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. Universidade Federal da Bahia.

Napoli, M. F., Menezes, L. & Abreu, R. O. (2017). Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Napoli, M. F., Cardoso, D. B. O. S., Soares, A. M. A. G., Calor, A. R., Zanata, A. M., Cavalcanti, F. F., Nunes, J. M. C., Roque, N., Assis, J. G. A., Santos,-Jr, P. S. R., Santos, R. (2018).Ofício ao Reitor João Carlos Sales: Infraestrutura e demandas do Museu de História Natural da UFBA frente ao trágico incêndio ocorrido junto ao Museu de História Natural. Salvador, 12 de setembro de 2018.

Papavero, N. (1994). *Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: coleções, bibliografia, nomenclatura.* Unesp.

Pough, F. H., Heiser, J. B., & McFarland, W. N. (2008). *A vida dos vertebrados* (4 ed.). São Paulo: Atheneu.

Sousa, E. P. B. D. (2018). Acervos científicos brasileiros de vertebrados: uma análise crítica no atual contexto de conservação da biodiversidade. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Tocantis, Palmas, Tocantis, Brasil.

Young, P. S. (2003). Avanços na integração dos acervos zoológicos depositados em instituições brasileiras. IN *Coleções Biológicas de apoio ao inventário, uso sustentável e conservação da biodiversidade*, Peixoto A. L. (org.), 215-228.

APÊNDICE 1

CATÁLOGO DOS ANFÍBIOS ANUROS DO LITORAL NORTE DO ESTADO DA BAHIA, BRASIL

Ordem ANURA Fischer von Waldheim, 1813

Família AROMOBATIDAE Grant, Frost, Caldwell, Gagliardo, Haddad, Kok, Means, Noonan, Schargel & Wheeler, 2006

A família Aromobatidae tem como características diagnósticas: tamanho (altura e largura) dos dedos dos pés e mãos, presença de linha lateral, coloração do ventre (parda) e se há presença ou não de manchas Grant et al., 2006. Esta família está representada por uma única espécie no litoral norte. O gênero *Allobates* Zimmermann and Zimmermann, 1988 tem como características diagnósticas: coloração dorsal críptica, faixa lateral oblíqua pálida, faixa lateral pálida na maioria das espécies, faixa dorsolateral presente ou ausente, faixa ventrolateral pálida presente ou ausente, textura da pele dorsal, terceiro dedo de machos inchados ou não, dedo II maior na maioria das espécies e discos dos dedos fracamente expandidos. A maioria das espécies dessa família possuem hábito diurno e algumas são venenosas (Grant et al. 2006).

Allobates olfersioides (Lutz, 1925)

Figura 1 (a-b)

Eupemphix olfersioides Lutz, 1925

Phyllobates olfersioides Bokermann, 1966

Phyllobates alagoanus Bokermann, 1967

Phyllobates capixaba Bokermann, 1967

Phyllobates carioca Bokermann, 1967

Colostethus olfersioides Edwards, 1971

Colostethus alagoanus Edwards, 1971

Colostethus capixaba Edwards, 1971

Colostethus carioca Edwards, 1971

Allobates olfersioides Grant, Frost, Caldwell, Gagliardo, Haddad, Kok, Means, Noonan, Schargel & Wheeler, 2006

Allobates alagoanus Grant, Frost, Caldwell, Gagliardo, Haddad, Kok, Means, Noonan, Schargel & Wheeler, 2006

Allobates capixaba Grant, Frost, Caldwell, Gagliardo, Haddad, Kok, Means, Noonan, Schargel & Wheeler, 2006

Allobates carioca Grant, Frost, Caldwell, Gagliardo, Haddad, Kok, Means, Noonan, Schargel & Wheeler, 2006

Localidade-tipo. “Litoral do Estado do Rio de Janeiro”, Brasil; restrito a “Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro”; Brasil (Frost 2018), Bokermann (1966).

Nome popular e etimologia. “sapinho/rãzinha foguete” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Diurna

Distribuição Geográfica. BAHIA: Camamu, Ilhéus, Itamaraju, Maragojipe, Mata de São João, Salvador, Saubara, Uruçuca e Valença; PERNAMBUCO: Recife.

Grau de ameaça: IUCN (2018): Vulnerável (VU). Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção: Vulnerável (VU).

Referências:

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 02/12/2018.

VERDADE, V. 2010. *Allobates olfersioides*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T55122A11255268. Disponível em: <http://dx.doi.org/2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55122A11255268.en>. Acessado em 02/12/2018.

BOKERMANN, W.C.A. 1966. Lista Anotada das Localidades Tipo de Anfíbios Brasileiros. São Paulo: Serviço de Documentação, Universidade Rural São Paulo.

Família BUFONIDAE Gray, 1825

A família Bufonidae têm como características principais: pele seca, grossa e glandular (verrugas irregularmente espalhadas ao longo da superfície dorsal do animal), membros mais curtos que outros anuros favorecendo saltos curtos e membranas interdigitais pouco desenvolvidas (Duellman & Trueb 1994; Pough 2008). Essa família é representada por 609 espécies, distribuídas em 54 gêneros (Frost, 2018). Dentre essas, três gêneros são representados no litoral norte, que são: *Rhinella* Fitzinger, 1826, *Frostius* Cannatella, 1826 e *Dendrophryniscus* Jiménez de la Espada, 1870.

As espécies do gênero *Rhinella* Fitzinger, 1826 possuem o tímpano distinto (Easteal 1963), glândulas paratóides bem desenvolvidas, com cristas craniais bem desenvolvidas, focinho truncado em vista dorsal e lateral (Lima et al. 2006) e presença de tubérculos queratinizados na região dorsolateral (flancos) do corpo.

As espécies do gênero *Frostius* Cannatella, 1826 têm como características principais: pele rugosa coberta por verrugas arredondadas, tímpano distinto e visível, dois carpais distais e redução do tamanho das falanges (Cannatella 1986).

O gênero *Dendrophryniscus* Jiménez de la Espada, 1870 tem como características principais: membros posteriores bem desenvolvidos, focinho saliente de perfil, glândulas paratóides ausentes, cristas craniais indistintas, tímpano externo ausente, pé palmado basalmente, pele uniformemente granulosa a verrucosa, coloração dorsal críptica, cor ventral pálida e presença de tubérculos subarticulares longitudinalmente elípticos sobre as mãos (Jiménez de la Espada, 1870).

***Dendrophryniscus proboscideus* (Boulenger, 1882)**

Phryniscus proboscideus Boulenger, 1882

Atelophus proboscideus Boulenger, 1894

Dendrophryniscus proboscideus McDiarmid, 1971

Rhamphophryne proboscidea Izeckson, 1976

Rhinella proboscidea Chaparro, Pramuk & Glusenka, 2007

Rhinella Boulengeri Chaparro, Pramuk, Gluesenkamp & Frost, 2007

Localidade-tipo. “Brasil”, Brasil. Declarado como “provavelmente nas proximidades de [Salvador]”, Bahia, Brasil (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “Sapinho-bicudo” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna para os adultos (Haddad et al. 2008)

Distribuição geográfica. BAHIA: municípios de Catu e Vera Cruz.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Dados deficientes (DD).

Referências.

HADDAD, C.F.B., TOLEDO, L.F & PRADO, C.P.A. 2008. Anfíbios da Mata Atlântica: guia dos anfíbios anuros da Mata Atlântica. Editora Neotropica, São Paulo, 243p.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 04/10/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

PIMENTA, B., FLORA, J. 2004. *Dendrophryniscus proboscideus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T54880A89375059. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T54880A11207306.en>. Acessado em: 04/12/2018.

Rhinella crucifer (Wied-Neuwied, 1821)

Bufo crucifer Wied-Neuwied, 1821

Bufo cinctus Schinz, 1822

Bufo stellatus Spix, 1824

Bufo (Oxyrhynchus) semilineatus Spix, 1824

Bufo (Rhinella) semilineatus Cuvier, 1829

Bufo melanotis Duméril & Bibron, 1841

Otlophus cinctus Fitzinger, 1861 “1860”

Bufo crucifer var. *stellata* Miranda-Ribeiro, 1926

Bufo crucifer var. *melanotis* Miranda-Ribeiro, 1926

Bufo pombali Baldisseara, Caramaschi & Haddad, 2004

Chaunus pombali Frost, Grant, Faivovich, Bain, Haas, de Sá, Channing, Wilkinson, Donnellan, Raxworthy, Campbell, Blotto, Moler, Drewes, Nussbaum, Lynch, Green & Wheeler, 2006

Chaunus crucifer Frost, Grant, Faivovich, Bain, Haas, de Sá, Channing, Wilkinson, Donnellan, Raxworthy, Campbell, Blotto, Moler, Drewes, Nussbaum, Lynch, Green & Wheeler, 2006

Rhinella pombali Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007
Rhinella crucifer Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007

Localidade-tipo. "Entre o Corredor Piabanda e o Ribeirão ambos os afluentes do rio Ilhéus, cerca de 40 km acima de Itabuna" (Frost 2018, Bokermann 1966)

Nome popular e etimologia. “Cururuzinho ou sapo-da-mata” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Belmonte, Bom Jesus da Lapa, Caeté-Açu, Caetité, Camamu, Catu, Entre Rios, Igrapiúna, Ilhéus, Ipiauí, Itacaré, Itamaraju, Itapebi, Ituberá, Maracás, Maragogipe, Mata de São João, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Mucugê, Nilo Peçanha, Porto Seguro, Presidente Tancredo Neves, Salvador, Ubaíra, Uruçuca, Valença e Wenceslau Guimarães; PARAÍBA: Areia; RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

AQUINO, L., KWET, A., SEGALLA, M. V., BALDO, D. 2004. *Rhinella crucifer*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T54621A11176078. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T54621A11176078.en>. Acessado em: 04/12/2018.

BOKERMANN, W.C.A. 1966. Lista Anotada das Localidades Tipo de Anfíbios Brasileiros. São Paulo: Serviço de Documentação, Universidade Rural São Paulo.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 04/10/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Rhinella granulosa (Spix, 1824)

Figura 1 (c-d)

Bufo (Oxyrhynchus) granulatus Spix, 1824

Bufo globulosus Spix, 1824

Bufo (Rhinella) granulatus Cuvier, 1829

Chaunus globulosus Wagler, 1830

Bufo nasutululus Wiegmann, 1833

Phrynoideis granulatus Cope, 1862

Bufo granulatus granulatus Müller & Hellmich, 1936

Chaunus granulatus Frost, Grant, Faivovich, Bain, Haas, Haddad, de Sá, Channing, Wilkinson, Donnellan, Raxworthy, Campbell, Blotto, Moler, Drewes, Nussbaum, Lynch, Green & Wheeler, 2006

Rhinella granulosa Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007

Localidade-tipo. “Província Bahia” Brasil (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “Sapo-granuloso” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. ALAGOAS: Piranhas; BAHIA: Amargosa, Aporá, Aracatu, Camaçari, Barreiras, Brotas de Macaúbas, Caetité, Canavieiras, Conde, Curaçá, Encruzilhada, Esplanada, Feira de Santana, Gentio do Ouro, Ibiraba, Ilhéus, Inhambupe, Itabepi, Jacobina, Juazeiro, Lençóis, Macaúbas, Maracás, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Mucugê, Paulo Afonso, Pilão Arcado, Salvador, Santa Inês, São Desidério, Senhor do Bomfim, Serra do Ramalho e Valença; CEARÁ: Beberibe, Camocim e Crato; MINAS GERAIS: Almenara e Itaobim; SERGIPE: Capela e Indiaroba.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 04/10/2018.

SILVANO, D., AZEVEDO-RAMOS, C., LA MARCA, E., NARVAES, P., DI TADA, I., BALDO, D., SOLÍS, F., IBÁÑEZ, R., JARAMILLO, C., FUENMAYOR, Q. & HARDY, J. 2010. *Rhinella granulosa*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T54655A86595684. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T54655A11182500.en>. Acessado em:04/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Rhinella hoogmoedi Caramaschi and Pombal (2006)

Figura 1 (e-f)

Rhinella hoogmoedi Caramaschi & Pombal (2006)

Localidade-tipo. “Fazenda Santa Clara, município de Canavieiras, estado da Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “sapo-folha” (Napoli et al. 2017)

Bioma. MHNBA: Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Camamu, Esplanada, Igrapiúna, Ilhéus, Itacaré, Itapebi, Ituberá, Jaguaripe, Mata de São João, Nilo Peçanha, Porto Seguro, Presidente Tancredo Neves, Santa Luzia, Uruçuca e Valença; CEARÁ: Guaramiranga.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

ANGULO, A. 2008. *Rhinella hoogmoedi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T136141A4249132. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T136141A4249132.en>. Acessado em: 10/12/2018.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 04/10/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Rhinella jimi (Stevaux, 2002)

Bufo jimi Stevaux, 2002

Chaunus jimi Frost, Grant, Faivovich, Bain, Haas, Haddad, de Sá, Channing, Wilkinson, Donnellan, Raxworthy, Campbell, Blotto, Moler, Drewes, Nussbaum, Lynch, Green & Wheeler, 2006

Rhinella jimi Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007

Localidade-tipo. “Brasil, Bahia: Maracás, Fazenda Cana Brava” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “sapo-cururu” ou “cururuzão” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. ALAGOAS: Piranhas; BAHIA: Açu da Torre, Alagoinhas, Amargosa, Barra do Itariri, Barreiras, Brotas de Macaúbas, Caetité, Camaçari, Canavieiras, Conde, Cruz das Almas, Esplanada, Ibipeba, Ipirá, Itapebi, Jacobina, Jandaíra, Lençóis, Maracás, Mata de São João, Paulo Afonso, Pilão Arcado, Porto Seguro, Salvador, Santa Inês, Santa Rita de Cássia, Serra do Ramalho e Ubajara; CEARÁ: Crato; SERGIPE: Capela; PERNAMBUCO: Pombos.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

ANDRADE, G., CARNAVAL, A. C. 2004. *Rhinella jimi*. The IUCN Red List of Threatened Species

2004: e.T54674A11184744. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T54674A11184744.en>. Acessado em: 10/12/2018.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 04/10/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Família CRAUGASTORIDAE Gray, 1825

A família Craugastoridae tem como características principais: cristas craniais presentes ou não, falanges terminais em forma de T, três falanges no dedo IV, glândulas externas proeminentes do corpo ausentes, saco vocal único, mediano, subgular ou não, tubérculos metatarsais internos e externos e tubérculo interno presente não semelhante a uma pá.

Essa família é representada por 827 espécies, distribuída em três subfamílias. Dentre essas, estão representadas no litoral norte os gêneros *Haddadus* Hedges, Duellman, & Heinicke, 2008 e *Pristimantis* Jiménez de la Espada, 1870.

As espécies do gênero *Haddadus* Hedges, Duellman, & Heinicke, 2008 são caracterizadas por apresentarem cabeça mais estreita que o corpo, membrana timpânica diferenciada, cristas craniais ausentes, pequenos discos terminais em dígitos, com ranhuras circunferenciais; falanges terminais em forma de T, dedo I mais longo que o II, dedo III igual em comprimento ou ligeiramente mais curto que o dedo V, tubérculos subarticulares não se projetando e ventre liso a granular (Hedges et al. 2008).

As espécies do gênero *Pristimantis* Jiménez de la Espada, 1870 são caracterizadas por possuírem membrana timpânica diferenciada ou não, cristas craniais geralmente ausentes, discos terminais dos dígitos expandidos, comprimento dos dedos I e II variáveis, dedo V do mesmo tamanho ou maior que o III, tubérculos subarticulares não salientes, textura da pele variável, ventre liso ou aureolado (Hedges et al. 2008, Canedo & Haddad 2012).

Haddadus binotatus (Stevaux, 2002)

Figura 1 (g-h)

Rana binotata Spix, 1824

Hyla abbreviata Spix, 1824

Enydrius abbreviatus Wagler, 1830

Ololygon abbreviatus Fitzinger, 1861 “1860”

Hylodes abbreviatus Hensel, 1867

Hylodes rugulosus Peters, 1870

Hylodes binotatus Peters, 1872

Eleutherodactylus binotatus Stejneger, 1904

Platymantes abbreviatus Luederwaldt, 1929

Eleutherodactylus abbreviatus Hoogmoed & Gruber, 1983

Eleutherodactylus (Eleutherodactylus) binotatus Lynch & Duellman, 1997

“*Eleutherodactylus*” *binotatus* Heinicke, Duellman & Hedges, 2007

Haddadus binotatus Hedges, Duellman & Heinicke, 2008

Localidade-tipo. “Brasil, provavelmente Rio de Janeiro” (Frost 2018, Bokermann 1966)

Nome popular e etimologia. “rã-do-folhço” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica (Napoli et al. 2017)

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Arataca, Belmonte, Camacan, Catu, Elísio Medrado, Igrapiúna, Iguai, Ilhéus, Ipiáú, Ituberá, Mata de São João, Porto Seguro, Sebastião do Passé, Ubaíra e Uruçuca; MINAS GERAIS: Mata Verde; RIO DE JANEIRO: Engenheiro Paulo de Frontin, Miguel Pereira e Rio de Janeiro.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

BOKERMANN, W.C.A. 1966. Lista Anotada das Localidades Tipo de Anfíbios Brasileiros. São Paulo: Serviço de Documentação, Universidade Rural São Paulo.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 04/10/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

SLUYS, M. V. & ROCHA, C. F. 2010. *Haddadus binotatus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T56463A11469352. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T56463A11469352.en>. Acessado em: 04/12/2018.

Pristimantis paulodutrai (Bokerman, 1975)

Eleutherodactylus paulodutrai Bokermann, 1975 “1974”
Eletherodactylus (Eleutherodactylus) paulodutrai Lynch & Duellman, 1997
Ischnocnema paulodutrai Heinicke, Duellman & Hedges, 2007
Pristimantis paulodutrai Canedo & Haddad, 2012

Localidade-tipo. “Centro de Pesquisas do Cacau, Ilhéus, Bahia, Brasil” Frost (2018)

Nome popular e etimologia. Rãzinha-do-folhicho (Napoli et al. 2017); Este novo gênero é nomeado por Célio F. B. Haddad, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil, em reconhecimento por suas contribuições para a sistemática de anfíbios brasileiros.

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Camaçari, Belmonte, Camamu, Conde, Esplanada, Ilhéus, Ipiaú, Itacaré, Ituberá, Jaguaripe, Jandaíra, Mata de São João, Marauá, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Porto Seguro, Salvador, Saubara; RIO GRANDE DO NORTE: Goianinha.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 04/10/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).
- PIMENTA, B. & JUNCÁ, F. 2004. *Pristimantis paulodutrai*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T56835A11542769. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T56835A11542769.en>. Acessado em: 04/12/2018.

Família HYLIDAE Rafinesque, 1815

A família Hylidae tem como características principais cintura peitoral do tipo arcífera, com um esterno desenvolvido, oito vértebras pré-sacrais procélicas, diapófises sacrais pouco dilatadas, articulação da vértebra sacral com o uróstilo bicondilar, pré-maxilares, maxilares providos de odontóides, uma cartilagem intercalar entre a última e a penúltima falange dos dígitos e amplexo axilar (Caramaschi & Cruz 2002). Essa família é representada por 718 espécies, distribuída em 7 subfamílias (Frost, 2018). Dentre essas, estão presentes no litoral norte 5 gêneros.

A subfamília Hyliinae possui como características principais: ossificação craniana variável, comumente sem fusões ósseas extensivas, pele da cabeça usualmente não co-ossificada ao crânio (exceto nos grupos com cabeça ossificada), falange terminal dos dígitos em forma de garra expandida na base, geralmente coberta por um disco dilatado e pupila horizontal (Caramaschi & Cruz 2002).

As espécies do gênero *Boana* Gray, 1825 são caracterizadas por possuir pele suave, costas angulares, glândulas paratípidas externas ausentes, pés palmados, quarto dedo traseiro longo, discos adesivos nas mãos e pés e membros internos muito curtos (Gray 1825).

As espécies do gênero *Dendropsophus* Fitzinger, 1843 são caracterizadas por possuir manchas dorsais grandes ou serem ausentes, ventre liso e pode possuir coloração tanto na parte posterior quanto anterior, pode possuir coloração na parte interna das coxas e possui discos adesivos tanto nas mãos quanto nos pés.

As espécies do gênero *Itapotihyla* Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell, & Wheeler, 2005 são caracterizadas pela presença de um retalho subcloacal proeminente (Faivovich et al. 2005).

As espécies do gênero *Trachycephalus* Tschudi, 1838 são caracterizadas por possuir co-ossificação craniana e apresenta sacos vocais emparelhados protuberantes posteriores aos ângulos das mandíbulas quando inflados.

As espécies do gênero *Sphaenorhynchus* Tschudi, 1838 são caracterizadas por possuir o pré-pólex ossificado.

***Boana albomarginata* (Spix, 1824)**

Figura 2 (a-b)

Hyla albomarginata Spix, 1824

Hyla punctate Wied-Neuwied, 1824

Hyla infulata Wied-Neuwied, 1824

Hyla raddiana Fitzinger, 1826

Hypsiboas albomarginatus Wagler, 1830

Auletris infulata Wagler, 1830

Hypsiboas (Phyllobius) albomarginatus Fitzinger, 1843

Hyla (Centrotelma) infulata Burmeister, 1856

Phyllobius albomarginatus Fitzinger, 1861 “1860”

Phyllobius exanthematicus Fitzinger, 1861 “1860”

Hyla exanthematica Fitzinger, 1861 “1860”

Hyla massarti De Witte, 1930

Hypsiboas albomarginatus Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005
Boana albomarginata Dubois, 2017

Localidade-tipo. “Província Bahia”, Brasil. Restrito à “Salvador” ou “Ilhéus”, Bahia, Brasil Frost (2018); Bokermann, 1966

Nome popular e etimologia. “perereca-verde” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Entre Rios, Jandaíra; PARAÍBA: Areia e Santa Rita; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC)

Referências.

- BOKERMANN, W.C.A. 1966. Lista Anotada das Localidades Tipo de Anfíbios Brasileiros. São Paulo: Serviço de Documentação, Universidade Rural São Paulo.
- CARNAVAL, A., C., KWET, A. & CARVALHO-E-SILVA, S. P. 2010. *Hypsiboas albomarginatus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T55376A11300251. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55376A11300251.en>. Acessado em: 04/12/2018.
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 04/10/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

***Boana crepitans* (Wied-Neuwied, 1824)**

- Boana crepitans* Dubois, 2017
Hyla crepitans Wied-Neuwied, 1824
Hypsiboas crepitans Wagler, 1830
Auletris crepitans Leunis, 1844
Hyla (Hylomedusa) crepitans Burmeister, 1856
Hyla crepitans Cochran, 1955
Hypsiboas crepitans Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005
Boana crepitans Dubois, 2017

Localidade-tipo. “Tamburil, Jiboia, Arraial da Conquista” Bahia, Brasil; restrito a “Tamburil [Município de Condeúbas], Bahia, Brasil [*sensu* Bokermann (1966)]. Wied diz que seu material provem de três localidades: Tamburil no município de Condeúbas, Jiboia e Arraial da Conquista. Pelas descrições e narrativas de viagem, sabe-se que o primeiro exemplar foi obtido em Tamburil, tendo sido posteriormente a espécie observada e ouvida nas outras localidades, que distam cerca de 10 km a leste. Na descrição, Wied se refere a um único exemplar, que é o mesmo figurado, sem entretando especificar a sua procedência, que pelo exposto acima, julgamos ser Tamburil (Bokermann, 1966).

Nome popular e etimologia. “perereca” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica e Cerrado (Faivovich et al.2005, Orrico et al.2017).

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Brotas de Macaúbas, Itaobim, Miguel Calmon e Morro do Chapéu. MINAS GERAIS: Almenara, Coronel Murta e Turmalina.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- DUELLMAN, W. E. 1977. Liste der rezenten Amphibien und Reptilien: Hylidae, Centrolenidae, Pseudidae. *Das Tierreich*: 1-225.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 21/10/2018.
- FAIVOVICH, J., HADDAD, C.F.B., GARCIA, P.C.A., FROST, D.R., CAMPBELL, J.A. & WHEELER, W.C. 2005. Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: a phylogenetic analysis and taxonomic revision. *Bulletin of the American Museum of Natural History*.
- LA MARCA, E., AZEVEDO-RAMOS, C., SILVANO, D., SOLÍS, F., IBÁÑEZ, R., JAMILLO, C., FUENMAYOR, Q. & HARDY, J. 2010. *Hypsiboas crepitans*. *The IUCN Red List of Threatened Species* 2010: e.T55457A11314699. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55457A11314699.en>. Acessado em: 21/10/18.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).
- ORRICO, V. G. D., NUNES, I., MATTEDI, C., FOUQUET, A., LEMOS, A. W., RIVERA-CORREA, M., LYRA, M. L., LOEBMANN, D., PIMENTA, B. V. S., CARAMASCHI, U., RODRIGUES, M. T., AND HADDAD, C. F. B. 2017. Integrative taxonomy supports the existence of two distinct species within *Hypsiboas crepitans* (Anura: Hylidae). *Salamandra* 53: 99-113.

Boana faber (Wied-Neuwied, 1821)

Figura 2 (c-d)

Hyla faber Wied-Neuwied, 1821

Hyla fulva Quoy and Gaimard, 1824

Rana gaimardi Bory de Saint-Vincent, 1828

Hyla gaimardi Bory de Saint-Vincent, 1828

Hypsiboas faber Wagler, 1830

Hyla wachei Nieden, 1911

Hypsiboas faber Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Boana faber Dubois, 2017

Localidade-tipo. “S. Agnés (= Santa Inês [Fazenda St. Agnes]), Bahia, Brasil (Frost 2018).

Nome popular e etimologia. “sapo-martelo” ou “sapo-ferreiro” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Canavieiras, Itapebi e Jandaíra. MINAS GERAIS: Almenara e Turmalina. SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 21/10/2018.

FAIVOVICH, J., HADDAD, C.F.B., GARCIA, P.C.A., FROST, D.R., CAMPBELL, J.A. & WHEELER, W.C. 2005. Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: a phylogenetic analysis and taxonomic revision. *Bulletin of the American Museum of Natural History*.

LAVILLA, E., AQUINO, L., KWET, A. & BALDO, D. 2010. *Hypsiboas faber*. *The IUCN Red List of Threatened Species* 2010: e.T55479A11303155. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55479A11303155.en>. Acessado em: 21/10/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Boana pombali (Caramaschi, Pimenta & Feio, 2004)

Figura 2 (e-f)

Hyla pombali Camaraschi, Pimenta & Feio, 2004

Hypsiboas pombali Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005
Boana pombali Dubois, 2017

Localidade-tipo. “Brasil: Minas Gerais: Município de Salto da Divisa, Fazenda Alto Cariri” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca-dormideira” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Cachoeira, Dário Meira, Ilhéus, Itacaré, Mata de São João e Porto Seguro

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC)

Referências.

FEIO, R. 2006. *Hypsiboas pombali*. *The IUCN Red List of Threatened Species* 2006: e.T61779A12541376. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2006.RLTS.T61779A12541376.en>. Acessado em: 07/12/2018.

FROST, D.R. 2018. *Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0* (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 07/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Boana raniceps (Cope, 1862)

Figura 2 (g-h)

Hypsiboas raniceps Cope, 1862
Hyla spegazzinii Boulenger, 1889
Hyla goodfellowi Procter, 1921
Hyla roeschmanni De Grys, 1938
Hypsiboas raniceps Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler,
 2005 *Boana raniceps* Dubois, 2017

Localidade-tipo. Não mencionado especificamente, mas a Expedição Page visitou muitas localidades atualmente no Brasil, no nordeste da Argentina e no sul do Paraguai, ao longo das drenagens dos rios Paraná e Paraguai. Localidade tipo dada como "Paraguai" (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca-zebrada” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Barreiras, Camaçari, Conde, Curaçá, Entre Rios, Ibiraba, Jaborandi, Jandaíra, Juazeiro, Maracás, Mata de São João, Paulo Afonso, Rio Real, Santa Rita de Cássia e São Desidério; CEARÁ: Beberibe, Camocim, Guaramiranga, Ipu e Ubajara; MARANHÃO: Carolina; PARAÍBA: Areia; RIO GRANDE DO NORTE: Baía Formosa; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 07/12/2018.
- LA MARCA, E., AZEVEDO-RAMOS, C., SILVANO, D., SCOTT, N., AQUINO, L. & FAVOVICH, J. 2004. *Hypsiboas raniceps*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55622A11341908. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55622A11341908.en>. Acessado em: 07/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Boana semilineata (Spix, 1824)

Figura 3 (a-b)

Hyla geographica var. *semilineata* Spix, 1824
Hyla (Hylella) punctillata Peters, 1873 “1872”
Hyla punctillata Boulenger, 1882
Hyla semilineata Silveira & Caramaschi, 1989
Hypsiboas semilineatus Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler,
 2005 *Boana semilineata* Dubois, 2017

Localidade-tipo. “Provavelmente Rio de Janeiro”, Rio de Janeiro, Brasil (Bokermann 1966)

Nome popular e etimologia. “perereca” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Igrapiúna e Salvador

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC)

Referências.

FAIVOVICH, J., HADDAD, C.F.B., GARCIA, P.C.A., FROST, D.R., CAMPBELL, J.A. & WHEELER, W.C. 2005. Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: a phylogenetic analysis and taxonomic revision. *Bulletin of the American Museum of Natural History*.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 21/10/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

SLUYS, M. V. & ROCHA, C. F. 2010. *Hypsiboas semilineatus*. *The IUCN Red List of Threatened Species* 2010: e.T55652A11348662. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55652A11348662.en>. Acessado em: 21/10/2018.

Dendropsophus branneri (Cochran, 1948)

Hyla bipunctata branneri Cochran, 1948

Hyla branneri Bokermann, 1966

Hyla scrobiculata Lutz, 1973

Hyla decipiens branneri Lutz, 1973

Dendropsophus branneri Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Localidade-tipo. “Bonito, Pernambuco, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “Pererequinha”; “Pererequinha-do-brejo” (Napoli et al. 2017, Haddad et al.2008)

Bioma. Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Belmonte, Cachoeira, Caetité, Camaçari, Canavieiras, Caravelas, Catu, Conde, Dias D’Ávila, Entre Rios, Esplanada, Ibirapitanga, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Itaparica, Itapebi, Ituaçu, Ituberá, Jacobina, Lauro de Freitas, Lençóis, Maracás, Maragogipe, Mata de São João, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Mucugê, Mulungu do Morro, Pindaí, Planaltino, Porto Seguro, Salvador, Sebastião do Passé, Saubara, Senhor do Bomfim, Uruçuca e Vera Cruz; MINAS GERAIS: Almenara, Araçuaí, Coronel Murta, Itaobim, Jacinto, Serro e Turmalina; PERNAMBUCO: Igarassu; PARAÍBA: Areia; RIO GRANDE DO NORTE: Baía Formosa; SÃO PAULO: Morretes; SERGIPE: Capela e Itaporanga d’Ajuda.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC)

Referências.

CRUZ, C. A. G., CARVALHO-E-SILVA, S. P. & ANDRADE, G. 2004. *Dendropsophus branneri*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55420A11306454. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55420A11306454.en>. Acessado em: 05/12/2018.

HADDAD, C.F.B., TOLEDO, L.F & PRADO, C.P.A. 2008. Anfíbios da Mata Atlântica: guia dos anfíbios anuros da Mata Atlântica. Editora Neotropica, São Paulo, 243p.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 05/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Dendropsophus elegans (Wied-Neuwied, 1824)

Hyla elegans Wied-Neuwied, 1824

Dendropsophus elegans Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Localidade-tipo. “Brasil, restrito ao leste do Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca de moldura” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Belmonte, Cachoeira, Canavieira, Catu, Conde, Esplanada, Ibirapitanga, Igrapiúna, Ilhéus, Itabuna, Itapebi, Ituberá, Maragogipe, Mata de São João, Porto Seguro, Prado, Sebastião do Passé, Saubara e Teixeira de Freitas; RIO DE JANEIRO: Duque de Caxias; MINAS GERAIS: Almenara, Coronel Murta, Jacinto e Serro; SÃO PAULO: Morretes e São Miguel Arcanjo; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 05/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

SLUYS, M. V., CRUZ, C. A. G. & ARZABE, C. 2010. *Dendropsophus elegans*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T55473A11316720. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55473A11316720.en>. Acessado em: 05/12/2018.

Dendropsophus haddadi (Bastos & Pombal, 1996)

Figura 3 (c-d)

Hyla haddadi Bastos and Pombal, 1996

Dendropsophus haddadi Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Localidade-tipo. “Mata do Queixada, Município de Conceição da Barra, estado do Espírito Santo, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “pererequinha (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Barra do Choça, Belmonte, Camacan, Canavieiras, Catu, Ilhéus, Ituberá, Mata de São João e Salvador.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

FAIVOVICH, J., HADDAD, C.F.B., GARCIA, P.C.A., FROST, D.R., CAMPBELL, J.A. & WHEELER, W.C. 2005. Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: a phylogenetic analysis and taxonomic revision. *Bulletin of the American Museum of Natural History*.

FROST, D.R. 2018. *Amphibian Species of the World: na Online Reference*. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 13/11/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

PEIXOTO, O. L. & PIMENTA, B. 2004. *Dendropsophus haddadi*. *The IUCN Red List of Threatened Species* 2004: e.T55498A11310343. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55498A11310343.en>. Acessado em: 13/11/2018.

Dendropsophus minutus (Peters, 1972)

Hyla minuta Peters, 1872; Boulenger, 1882

Hyla velata Cope 1887

Hyla bivittata Boulenger, 1888

Hyla goughi Boulenger, 1911

Hyla pallens Lutz, 1925

Hyla suturata Miranda-Ribeiro, 1926

Hyla emrichi Mertens, 1927

Hyla goughi goughi Cochran, 1953

Hyla minuta bivittata Barrio, 1967

Dendropsophus minutus Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Localidade-tipo. “Nova Friburgo e arredores do Rio de Janeiro, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “pererequinha-do-brejo” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. AMAZONAS: Humaitá; BAHIA: Abaíra, Barreiras, Cachoeira, Caetitê, Camaçari, Canavieiras, Catu, Conde, Encruzilhada, Entre Rios, Ilhéus, Itabuna, Itaparica, Itapebi, Ituberá, Jandaíra, Maracás, Maragogipe, Mata de São João, Mucugê, Pindaí, Porto Seguro, Santa Rita de Cássia, São Desidério, São Sebastião do Passé e Saubara; CEARÁ: Crato, Guarimiranga, Ipu e Ubajara; MINAS GERAIS: Coronel Murta, Mata Verde e Serro; SANTA CATARINA: Timbé do Sul; SÃO PAULO: Fartura e São Miguel Arcanjo; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 05/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).
- SILVANO, D., AZEVEDO-RAMOS, C., LA MARCA, E., COLOMA, L. A., RON, S., LANGONE, J., BALDO, D. & HARDY, J. 2010. *Dendropsophus minutus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T55565A11332552. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55565A11332552.en>. Acessado em: 05/12/2018.

Dendropsophus nanus (Boulenger, 1889)

Hyla nana Boulenger, 1889

Sphoerohyla nana Goin, 1957

Dendropsophus nanus Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Localidade-tipo. "Colonia Resistencia, Sul do Chaco, República Argentina" (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “pererequinha-do-brejo” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. AMAZONAS: Humaitá; BAHIA: Barreiras, Brotas de Macaúbas, Caetitê, Conde, Curaçá, Ipu, Ituaçu, Macaúbas, Rio de Contas, Santa Rita de Cássia, São Desidério e Ubajara; CEARÁ: Camocim; RIO GRANDE DO NORTE: Baía Formosa; PIAUÍ: Campo Maior; SÃO PAULO: Fartura; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 05/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

REICHLE, S., AQUINO, L., COLLI, G., SILVANO, D., AZEVEDO-RAMOS, C. & BASTOS, R. 2004.

Dendropsophus nanus. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55575A11320376.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55575A11320376.en>.

Acessado em: 05/12/2018.

Dendropsophus oliverai (Bokermann, 1963)

Figura 3 (e-f)

Hyla oliveirai Bokermann, 1963

Dendropsophus oliveirai Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Localidade-tipo. “Maracás, Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “pererequinha” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Camaçari, Ituaçu, Lençóis, Maracás, Maragogipe, Mata de São João, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Planaltino, Salvador e Senhor do Bonfim; PARAÍBA: Areia; PERNAMBUCO: Igarassu; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. Menos preocupante (LC).

Referências.

BASTOS, R. & SKUK, G. 2004. *Dendropsophus oliveirai*. The IUCN Red List of Threatened Species

2004: e.T55580A11322033. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55580A11322033.en>. Acessado em:

06/12/2018.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 06/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Dendropsophus rubicundulus (Reinhardt and Lütken, 1862)

Figura 3 (g-h)

Hyla rubicundula Reinhardt and Lütken, 1862 “1861”; Boulenger,

1882 *Hyla elongata* Lutz, 1925

Dendropsophus rubicundulus Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Localidade-tipo. “Lagoa Santa”, Minas Gerais, Brasil (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “pererequinha-verde” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. MHNBA: BAHIA: Barreiras, Caetité, Camaçari, Conde, Entre Rios, Lençóis e Santa Rita de Cássia; CEARÁ: Camocim; SERGIPE: Estância; MINAS GERAIS: Serro, Turmalina.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

COLI, G., REICHLER, S. & SILVANO, D. 2004. *Dendropsophus rubicundulus*. *The IUCN Red List of Threatened Species* 2004: e.T55634A11345176. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55634A11345176.en>. Acessado em: 13/11/2018.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 13/11/2018.

FAIVOVICH, J., HADDAD, C.F.B., GARCIA, P.C.A., FROST, D.R., CAMPBELL, J.A. & WHEELER, W.C. 2005. Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: a phylogenetic analysis and taxonomic revision. *Bulletin of the American Museum of Natural History*.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Dendropsophus studerae (Carvalho-e-Silva, Carvalho-e-Silva & Izecksohn, 2003)

Hyla studerae Carvalho-e-Silva, Carvalho-e-Silva & Izecksohn, 2003

Dendropsophus studerae Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Localidade-tipo. “Quebrangulo, estado de Alagoas, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca-de-bigode-branco” (Napoli et al. 2017). O nome da espécie foi dedicado à ornitóloga Anita Studer (Carvalho-e-Silva et al.2003).

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Catu e São Sebastião do Passé.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Dados deficientes (DD). Lista da Secretaria do Meio Ambiente (SEMA): Criticamente em perigo (CR).

Referências.

CARVALHO-E-SILVA, S. P., CARVALHO-E-SILVA, A. M. P. T., & IZECKSOHN, E. 2003. Nova espécie de *Hyla* Laurenti do grupo de *H. microcephala* Cope (Amphibia, Anura, Hylidae) do nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 20: 553-558.)

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 06/12/2018.

- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).
- TELES, A. M. & CARVALHO-E-SILVA, S. P. 2004. *Dendropsophus stuederae*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55666A11350034. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55666A11350034.en>. Acessado em: 06/12/2018.

Itapotihyla langsdorffii (Duméril & Bibron, 1841)

Figura 4 (a-b)

Hyla langsdorffii Duméril & Bibron, 1841
Hypsiboas langsdorffii Fitzinger, 1843
Hyla (Centrotelma) langsdorffii Burmeister, 1856
Hyla langsdorffii Gunther, 1859 “1858”
Osteocephalus langsdorffii Cope, 1867
Hyla langsdorffii Boulenger, 1882
Itapotihyla langsdorffii Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Localidade-tipo. “Brasil”; “provavelmente baixada fluminense” (Frost 2018, Bokermann, 1966)

Nome popular e etimologia. “perereca castanhola” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica IUCN (2018)

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Área de Proteção Ambiental Pratigi (APA estadual municípios de Igrapiúna, Ituberá e Nilo Peçanha), Barra Grande, Catu, Encruzilhada, Ilhéus, Mata de São João e Salvador. RIO DE JANEIRO: Maricá.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- AQUINO, L., SEGALLA, M.V., FAIVOVICH, J. & BALDO, D. 2004. *Itapotihyla langsdorffii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55796A11358140. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55796A11358140.en>. Acessado em: 18/09/2018.
- BOKERMANN, W.C.A. 1966. Lista Anotada das Localidades Tipo de Anfíbios Brasileiros. São Paulo: Serviço de Documentação, Universidade Rural São Paulo.
- KLEINSORGE, J.M.D., FONSECA, R.A.M., PIRANI, R.M. & NASCIMENTO, L.B. 2009. Amphibia, Anura, Hylidae, *Itapotihyla langsdorffii* (Duméril and Bribron, 1841): Correction o folder record and distribution extension. Check List. A Journal of Species Lists and Distribution 5: 876-878.
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 18/09/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Ololygon melanodactyla (Lourenço, Luna & Pombal, 2014)

Scinax melanodactylus Lourenço, Luna & Pombal, 2014
Ololygon melanodactyla (Lourenço, Luna & Pombal, 2014)

Localidade-tipo. “Na estrada para Canavieiras, distrito de Trancoso, município de Porto Seguro, estado da Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “pererequinha-de-banheiro” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Belmonte, Conde e Jandaíra.

Grau de ameaça.

Referências.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 06/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Ololygon argyreornata (Miranda-Ribeiro, 1926)

Hylodes argyreornatus Miranda-Ribeiro, 1926
Eleutherodactylus argyreornatus Myers, 1962
Hyla argyreornata Bokermann, 1966
Ololygon argyreornata Fouquette & Delahoussaye, 1977
Scinax argyreornata Duellman & Wiens, 1992
Scinax argyreornatus Köhler & Böhme, 1996

Localidade-tipo. “Rio Mutum, Espírito Santo, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “pererequinha” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Belmonte, Catu, Guaratinga, Ilhéus, Mata de São João, Porto Seguro e São Sebastião do Passé; MINAS GERAIS: Mata Verde.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC)

Referências.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 06/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

PIMENTA, B. & CARVALHO-E-SILVA, S. P. 2010. *Scinax argyreornatus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T55929A11396185. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55929A11396185.en>. Acessado em: 06/12/2018.

Phyllodytes melanomystax Caramaschi, Silva & Britto-Perereira, 1992

Phyllodytes melanomystax Caramaschi, Silva & Britto-Perereira, 1992

Localidade-tipo. “Guaimbim, município de Valença, estado da Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca-de-bigode-das-bromélias” (Napoli et al.2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Catu, Conde, Ilhéus, Jandaíra, Maragogipe, Mata de São João, Porto Seguro, Salvador, Saubara e Una; SERGIPE: Itaporanga d'Ajuda.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 06/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

PEIXOTO, O. L. & PIMENTA, B. 2010. *Phyllodytes melanomystax*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T55836A11377774. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55836A11377774.en>. Acessado em: 06/12/2018.

Phyllodytes wuchereri (Peters, 1873)

Figura 4 (c-d)

Amphodius wuchereri Peters, 1873 “1872”

Phyllodytes wuchereri Caramaschi, Peixoto & Rodrigues, 2004

Localidade-tipo. “Bahia, provavelmente Caravelas, Brasil” (Frost 2018, Bokermann, 1966)

Nome popular e etimologia. “perereca-das-bromélias” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa e Camacan.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Dados deficientes (DD)

Referências.

- BOKERMANN, W. C. A. 1966. Lista Anotada das Localidades Tipo de Anfíbios Brasileiros. São Paulo: Serviço de Documentação, Universidade Rural São Paulo.
- CARAMASCHI, U., PEIXOTO, O. L. & RODRIGUES, M. T. 2004. Revalidation and redescription of *Phyllodytes wuchereri* (Peters, 1973) (Amphibia, Anura, Hylidae). Arquivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro 62: 185-191.
- FAIVOVICH, J., HADDAD, C.F.B., GARCIA, P.C.A., FROST, D.R., CAMPBELL, J.A. & WHEELER, W.C. 2005. Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: a phylogenetic analysis and taxonomic revision. Bulletin of the American Museum of Natural History.
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 16/11/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).
- RODRIGUES, M. T. 2006. *Phyllodytes wuchereri*. The IUCN Red List of Threatened Species 2006: e.T61790A12546667. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2006.RLTS.T61790A12546667.en>. Acessado em: 16/11/2018.

Scinax auratus (Wied-Neuwied, 1821)

Figura 4 (e-f)

Hyla aurata Wied-Neuwied, 1821
Scinax auratus Wagler, 1830
Ololygon aurata Fouquette & Delahoussave, 1977
Scinax aurata Duellman & Wiens, 1992
Scinax auratus Köhler & Böhme, 1996

Localidade-tipo. “Santa Inês, Bahia, Brasil.” Neótipo de “Maracás, estado da Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca-dourada” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Cachoeira, Camaçari, Conde, Entre Rios, Esplanada, Jandaíra, Maragogipe, Mata de São João, Pojuca, Salvador e Saubara; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- ARZABE, C., JUNCA, F. 2004. *Scinax auratus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55932A11397585. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55932A11397585.en>. Acessado em: 17/11/2018.
- DUELLMAN, W. E., MARION, A. B. & HEDGES, S. B. 2016. Phylogenetics, classification, and biogeography of the treefrogs (Amphibia: Anura: Arboranae). *Zootaxa* 4104: 1-109.
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 17/11/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Scinax cretatus Nunes and Pombal, 2011

Figura 4 (g-h)

Scinax cretatus Nunes and Pombal, 2011

Localidade-tipo. “Brasil, estado da Bahia, município de Entre Rios, Porto Sauípe” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca-risada-de-giz” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Camaçari, Conde, Entre Rios, Itacaré, Jandaíra, Maragogipe, Mata de São João, Salvador e Saubara.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- IUCN SSC Amphibian Specialist Group 2014. *Scinax cretatus*. *The IUCN Red List of Threatened Species* 2014: e.T48086104A48086108. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2014-1.RLTS.T48086104A48086108.en>. Acessado em: 17/11/2018.
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 17/11/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).
- NUNES, I. & POMBAL, J. P. 2011. A new snouted treefrog of the speciose genus *Scinax* Wagler (Anura, Hylidae) from northeastern Brazil. *Herpetologica* 67: 80-88.

Scinax eurydice (Bokermann, 1968)

Hyla eurydice Bokermann, 1968
Ololygon eurydice Fouquette & Delahoussaye, 1977
Scinax eurydice Duellman & Wiens, 1992

Localidade-tipo. “Fazenda Santo Onofre, a 10 km a oeste de Maracás, Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “raspa-cula” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Barra do Choça, Cachoeira, Canavieiras, Catu, Conde, Entre rios, Gentio do Ouro, Ibirapitanga, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Itaparica, Itapebi, Ituberá, Jacobina, Jandaíra, Macarani, Maracás, Maragogipe, Maraú, Mata de São João, Miguel Calmon, Porto Seguro, Salvador, São Sebastião do Passé, Saubara, Senhor do Bonfim e Serra do Ramalho; PARAÍBA: Areia; PERNAMBUCO: Igarassu e Recife; SÃO PAULO: São Miguel Arcanjo; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- ARZABE, C. & CARVALHO-E-SILVA, S. P. 2010. *Scinax eurydice*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T55953A11401300. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55953A11401300.en>. Acessado em: 09/12/2018.
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 09/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Scinax fuscomarginatus (Lutz, 1925)

Figura 5 (a-b)

Hyla fuscomarginata Lutz, 1925
Hyla parkeri Gaige, 1929
Ololygon parkeri Fouquette & Delahoussaye, 1977
Ololygon fuscomarginata Fouquette & Delahoussaye, 1977
Ololygon trilineata Hoogmoed & Gorzula, 1979
Scinax fuscomarginata Duellman & Wiens, 1992
Scinax parkeri Duellman & Wiens, 1992
Scinax trilineata Duellman & Wiens, 1992
Scinax fuscomarginatus Köhler & Böhme, 1996
Scinax trilineatus Köhler & Böhme, 1996
Scinax lutzorum Woitovicz-Cardoso & Pombal, 2010
Scinax pusillus Pombal, Bilate, Gambale, Signorelli & Bastos, 2011

Localidade-tipo. “São Paulo até Belo Horizonte”, Brasil, restrito a Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “pererequinha-do-brejo” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Arempebe, Barreiras, Camaçari, Conde, Dias d’Ávila, Jandaíra, Mata de São João, Pindaí e Santa Rita de Cássia; SÃO PAULO: Fartura e São Miguel Arcanjo; MINAS GERAIS: Turmalina.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

COLLI, G., AQUINO, L., AZEVEDO-RAMOS, C., SILVANO, D., SCOTT, N. & LANGONE, J. 2004.

Scinax fuscomarginatus. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55957A11384209. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55957A11384209.en>. Acessado em: 17/11/2018.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 17/11/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Scinax x-signatus (Spix, 1824)

Hyla x-signata Spix, 1824

Hyla affinis Spix, 1824

Hyla coerulea Spix, 1824

Auletris coerulea Wagler, 1830

Hyla rubra x-signata Müller, 1927

Hyla x-signata x-signata Lutz, 1973

Ololygon x-signata Fouquette & Delahoussaye, 1977

Scinax x-signata Duellman & Wiens, 1992

Scinax x-signatus Köhler & Böhme, 1996

Localidade-tipo. “Província Bahiae”, Brasil (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca-de-banheiro” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Alagoinhas, Amargosa, Aracatu, Barreiras, Belmonte, Bom Jesus da Lapa, Brotas de Macaúbas, Cachoeira, Caetité, Camamu, Conde, Cotegipe, Curaçá, Encruzilhada, Gentio do Ouro, Guaramiranga, Ibiraba, Ilhéus, Ipirá, Itabuna, Itapebi, Ituberá, Jandaíra, Macaúbas, Maracás, Mata de São João, Miguel Calmon, Mucugê, Palmeiras, Paulo Afonso, Pilão Arcado, Salvador, Santa Luz, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia, São Desidério, Saubara e Valença; CEARÁ: Baberibe, Crato, Ipu e Jaguaribe; MARANHÃO: Barreirinhas; MINAS GERAIS: Almenara, Coronel Murta, Itaobim, Jacinto e Mata Verde; PIAUÍ:

Campo Maior e Oeiras; SÃO PAULO: Fartura e Morretes; SERGIPE: Capela; TOCANTIS: Wanderlândia.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 08/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

RODRIGUES, M. T., CARAMASCHI, U. & MIJARES, A. 2010. *Scinax x-signatus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T56005A11404900. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T56005A11404900.en>. Acessado em: 08/12/2018.

Sphaenorhynchus prasinus Bokermann, 1973

Figura 5 (c-d)

Sphaenorhynchus prasinus Bokermann, 1973

Localidade-tipo. “Centro de Pesquisas do Cacau, Ilhéus, Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. pererequinha-limão” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Canavieiras, Caravelas, Esplanada, Ilhéus, Mata de São João e Sebastião do Passé; PERNAMBUCO: Recife.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 20/11/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

PIMENTA, B. & CARVALHO-E-SILVA, S. P. 2004. *Sphaenorhynchus prasinus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T56021A11411210. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T56021A11411210.en>. Acessado em: 20/11/2018.

Trachycephalus atlas Bokermann, 1966

Figura 5 (e-f)

Trachycephalus atlas Bokermann, 1966

Localidade-tipo. “Fazenda Santo Onofre, 10 km a oeste de Maracás. Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca-de-capacete” (Napoli et al.2017)

Bioma. Mata Atlântica e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Caetitê, Conde, Maracás, Mata de São João, Morro do Chapéu, Pindaí, Santa Inês e São Sebastião do Passé; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 20/11/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

CARAMASCHI, U. & SILVANO, D. 2004.*Trachycephalus atlas*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T56048A11417153. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T56048A11417153.en>. Acessado em: 20/11/2018.

Trachycephalus mesophaeus* (Hensel, 1867)*Figura 5 (g-h)**

Hyla mesophaea Hensel, 1867

Phrynohyas mesophaea Bokermann, 1966

Trachycephalus mesophaeus Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005

Localidade-tipo. “Província São Pedro de Rio Grande do Sul”, Brasil, dado como “Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil” (Frost 2018, Duellman, 1977)

Nome popular e etimologia. “perereca-grudenta” Napoli et al. (2017)

Bioma. Mata Atlântica Frost (2018)

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Área de Proteção Ambiental Pratigi (APA estadual municípios de Igrapiúna, Ituberá e Nilo Peçanha), Barra Grande, Cabo Sul, Camaçari, Camamú, Catu, Dias D’Ávila, Guanambi, Ilhéus, Itabuna, Ituaçu, Ituberá, Ipirá, Mata de São João, Miguel Calmon, Porto Seguro, Vera Cruz e Valença. MINAS GERAIS: Montes Claros.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- BRANDÃO, R.A., FREITAS, M.A. & SEBEN, A. 1996. Geographic distribution: *Phrynohyas mesophaea*. *Herpetological Review* 27:86.
- CARVALHO-E-SILVA, S. P. & GARCIA, P. 2004. *Trachycephalus mesophaeus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55822A11372732. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55822A11372732.en>. Acessado em: 18/09/2018.
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 18/09/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Família LEPTODACTYLIDAE Werner, 1896 (1838)

A família Leptodactylidae tem como características principais cabeças proporcionais ao tamanho do corpo, pernas traseiras relativamente curtas com ponta dos dedos estreitas, a região ventral é lisa podendo ou não ser manchada com tons de marrons, possui focinho arredondado, dedos sem membranas, os dedos dos pés possuem uma membrana basal e tubérculos subarticulares e supranumerários arredondados e visíveis nas mãos e pés. Presença de dedos delgados, tamanho pequeno a moderado, pele lisa, primeiro dedo menor que o segundo, túberculo metatarsal interno presente e glândulas paratóides ausentes Wener, 1896 (1838). Essa família é representada por 207 espécies, distribuídas em três subfamílias (Frost, 2018). Dentre essas, estão presentes no litoral norte três gêneros.

Leptodactylus fuscus (Burmeister, 1861)

Rana virginica Laurenti, 1768
Rana fusca Schneider, 1799
Rana typhonia Daudin, 1802
Rana virginica Merrem, 1820
Rana sibilatrix Wied-Neuwied, 1824
Rana pachypus var. 2 Spix, 1824
Leptodactylus typhonia Fitzinger, 1826
Leptodactylus sibilatrix Fitzinger, 1826
Cystignathus typhonius Wagler, 1830
Cystignathus sibilatrix Wagler, 1830
Cystignathus schomburgkii Troschel, 1848
Cystignathus fuscus Günther, 1859 “1858”
Leptodactylus typhonius Boulenger, 1882
Leptodactylus raniformis Werner, 1899
Leptodactylus gualambensis Gallardo, 1964
Leptodactylus fuscus Heyer, 1968

Localidade-tipo. “Suriname” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rã-assobiadora” (Napoli et al. 2017); A palavra latina *fuscus* se traduz em marrom, escuro, escuro em inglês (de Sá et al 2014).

Bioma. Mata Atlântica e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. AMAZONAS: Humaitá; BAHIA: Amargosa, Barreiras, Belmonte, Bom Jesus da Lapa, Caetitê, Camaçari, Canavieiras, Conde, Curaçá, Entre Rios, Barra, Ilhéus, Itabuna, Jacobina, Jandaíra, Juazeiro, Lauro de Freitas, Lençóis, Macaúbas, Maracás, Mata de São João, Ibitiara, Pilão Arcado, Pojuca, Porto Seguro, Santa Rita de Cássia, São Desidério, Saubara, Serra do Ramalho, Valença e Vera Cruz.; CEARÁ: Beberibe e Camocim; MINAS GERAIS: Almenara, Coronel Murta, Itaobim e Serro; SÃO PAULO: Fartura; SERGIPE: Capela e Indiaroba.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- DE SÁ, R. O., GRANT, T., CAMARGO, A., HEYER, W. R., PONSSA, M. L. & STANLEY, E. L. 2014. Systematics of the Neotropical genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): Phylogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. *South American Journal of Herpetology* 9 (Spec. Issue 1): 1-128
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).
- REYNOLDS, R., CARAMASCHI, U., MIJARES, A., ACOSTA-GALVIS, A., HEYER, R., LAVILLA, E. & HARDY, J. 2004. *Leptodactylus fuscus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T57129A11588348. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57129A11588348.en>. Acessado em: 10/12/2018.

Leptodactylus macrosternum Miranda-Ribeiro, 1926

Figura 6 (a-b)

Leptodactylus ocellatus macrosternum Miranda-Ribeiro, 1926
Leptodactylus macrosternum Gallardo, 1964

Localidade-tipo. “Provavelmente Salvador, Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rã-manteiga” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Aracatu, Camaçari, Belmonte, Conde, Curaçá, Guaratinga, Itacaré, Itamaraju, Itapebi, Jandaíra, Lençóis, Maracás, Mata de São João, Ibitiara, Pilão Arcado, Porto Seguro, Salvador, Santa Rita de Cássia e Saubara; CEARÁ: Beberibe, Camocim e Crato; MINAS GERAIS: Almenara e Jacinto; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.
- HEYER, R., LANGONE, J., LA MARCA, E., AZEVEDO-RAMOS, C., DI TADA, I., BALDO, D., LAVILLA, E. & SCOTT, N., AQUINO, L., HARDY, J. 2010. *Leptodactylus latrans*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T57151A11592655. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T57151A11592655.en>. Acessado em: 10/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Leptodactylus mystaceus (Spix, 1824)

Figura 6 (c-d)

Rana mystacea Spix, 1824
Leptodactylus mystaceus Fitzinger, 1826
Cystignathus mystaceus Wagler, 1830
Leptodactylus (Cavicola) mystaceus Lutz, 1930
Leptodactylu amazonicus Heyer, 1978

Localidade-tipo. “Na Bahia [agora Salvador, Bahia] na água do rio, difere do Solimões, perto do rio”, Brasil; restrito a Solimões [Brasil]” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rã-marrom” (Napoli et al. 2017); Do místico grego, mystakos, lábio superior, bigode, referindo-se à faixa facial luz óbvia (de Sá et al.2014)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Barreiras, Belmonte, Cachoeira, Camaçari, Camamu, Catu, Curaçá, Formosa do Rio Preto, Ilhéus, Itapebi, Ituberá, Lauro de Freitas, Mata de São João, Salvador, São Desidério, São Sebastião do Passé, Saubara e Wenceslau Guimarães; CEARÁ: Guaramiranga e Maranguape; MINAS GERAIS: Serro.

Grau de ameaça. Menos preocupante (LC).

Referências.

- DE SÁ, R. O., GRANT, T., CAMARGO, A., HEYER, W. R., PONSSA, M. L., STANLEY, E. L. 2014. Systematics of the Neotropical genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): Phylogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. *South American Journal of Herpetology* 9 (Spec. Issue 1): 1-128
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.
- HEYER, R. & RODRIGUES, M. T. 2010. *Leptodactylus mystaceus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T57146A11591629. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T57146A11591629.en>. Acessado em: 10/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Leptodactylus mystacinus (Burmeister, 1861)

Figura 6 (e-f)

Cystignathus mystacinus Burmeister, 1861
Cystignathus labialis Cope, 1877
Leptodactylus labialis Brocchi, 1881
Leptodactylus mystacinus Boulenger, 1882
Leptodactylus (Cavicola) mystacinus Lutz, 1957
Leptodactylus mystaceus labialis Schreve, 1957

Localidade-tipo. “Rozário, Argentina” (Frost, 2018)

Nome popular e etimologia. “rã-de-bigode” (Napoli et al. 2017); Do místico grego, lábio superior, em alusão para a faixa de luz lábio superior marcante (de Sá et al. 2014).

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Ilhéus, Porto Seguro e Serra do Ramalho; SÃO PAULO: Fartura;
 SERGIPE: Indiaroba.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- DE SÁ, R. O., GRANT, T., CAMARGO, A., HEYER, W. R., PONSSA, M. L. & STANLEY, E. L. 2014. Systematics of the Neotropical genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): Phyllogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. *South American Journal of Herpetology* 9 (Spec. Issue 1): 1-128
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.
- HEYER, R., SILVANO, D., REICHLER, S., LAVILLA, E. & DI TADA, I. 2010. *Leptodactylus mystacinus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T57147A11591930. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T57147A11591930.en>. Acessado em: 10/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Leptodactylus natalensis Lutz, 1930

Leptodactylus natalensis Lutz, 1930

Localidade-tipo. “Natal, Rio Grande do Norte. Rio Baldo e outros lugares”, Brasil (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rã-borbulhante” (Napoli et al. 2017); O nome alude à localidade geral (Natal, Brasil) onde a espécie foi inicialmente coletada (de Sá 2014)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Belmonte, Cachoeira, Catu, Conde, Entre Rios, Ilhéus, Itaparica, Lauro de Freitas, Maragogipe, Mata de São João, Salvador, São Sebastião do Passé e Saubara; SÃO PAULO: São Miguel Arcanjo; PERNAMBUCO: Igarassu.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

DE SÁ, R. O., GRANT, T., CAMARGO, A., HEYER, W. R., PONSSA, M. L. & STANLEY, E. L. 2014. Systematics of the Neotropical genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): Phylogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. *South American Journal of Herpetology* 9 (Spec. Issue 1): 1-128

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.

HEYER, R. & CARVALHO-E-SILVA, S. P. 2004. *Leptodactylus natalensis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T57148A11592096. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57148A11592096.en>. Acessado em: 10/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Leptodactylus troglodytes Lutz, 1926

Figura 6 (g-h)

Leptodactylus troglodytes Lutz, 1926

Leptodactylus (Cavicola) troglodytes Lutz, 1930

Localidade-tipo. “Pernambuco, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rã-piadora” (Napoli et al. 2017); Do grego trōglē (buraco feito por roer) e dytēs (burrer), aquele que se arrasta em buracos (de Sá et al. 2014)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Barreiras, Brotas de Macaúbas, Cachoeira, Catu, Conde, Entre Rios, Feira de Santana, Ibitiara, Ilhéus, Itacaré, Itapebi, Jandaíra, Juazeiro, Macaúbas, Maracás, Mata de São João, Morro do Chapéu, Planaltino, Salvador, Santa Rita de Cássia, São Desidério, Saubara, Serra do Ramalho e Valença; MINAS GERAIS: Almenara; PIAUÍ: Oeiras; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- ARZABE, C. & HEYER, R. 2010. *Leptodactylus troglodytes*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T57171A11595328. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T57171A11595328.en>. Acessado em: 10/12/2018.
- DE SÁ, R. O., GRANT, T., CAMARGO, A., HEYER, W. R., PONSSA, M. L. & STANLEY, E. L. 2014. Systematics of the Neotropical genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): Phyllogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. *South American Journal of Herpetology* 9 (Spec. Issue 1): 1-128
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Leptodactylus vastus Lutz, 1930

Figura 7 (a-b)

Leptodactylus vastus Lutz, 1930

Localidade-tipo. “Independencia, Paraíba, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. Do latim vastus (enorme), caracterizando o grande tamanho das espécies (de Sá et al. 2014)

Bioma. Mata Atlântica e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Bom Jesus da Lapa, Caetité, Conde, Entre Rios, Ituaçu, Jandaíra, Mata de São João, Miguel Calmon, Mucugê, Pojuca, Porto Seguro, Salvador, Santa Rita de Cássia, São Sebastião do Passé e Saubara; CEARÁ: Crato.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- DE SÁ, R. O., GRANT, T., CAMARGO, A., HEYER, W. R., PONSSA, M. L. & STANLEY, E. L. 2014. Systematics of the Neotropical genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): Phyllogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. *South American Journal of Herpetology* 9 (Spec. Issue 1): 1-128
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.

HEYER, R. 2008. *Leptodactylus vastus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T136081A4227954. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T136081A4227954.en>. Acessado em: 10/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

***Physalaemus albifrons* (Spix, 1824)**

Bufo albifrons Spix, 1824

Bombinator albifrons Schlegel, 1826

Paludicola albifrons Wagler, 1830

Physalaemus albifrons Parker, 1927

Localidade-tipo. “Porto Alegre”, Brasil, provavelmente da região central de taboleiros, Bahia, Brasil (Frost 2018, Bokermann 1966)

Nome popular e etimologia. “rã-chorona” Napoli et al. (2017)

Bioma. Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. ALAGOAS: Traipu; BAHIA: Aracatu, Barreiras, Brotas de Macaúbas, Caetitê, Conde, Feira de Santana, Formosa do Rio Preto, Ibiraba, Jandaíra, Macaúbas, Maracás, Maragogipe, Paulo Afonso, Pilão Arcado, Porto Seguro, Santa Rita de Cássia, Saubara e Vera Cruz; CEARÁ: Beberibe e Ipu; GOIAS: Goiania; SERGIPE: Itaporanga D’Ajuda.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

ANDRADE, G. & JUNCÁ, F. 2004. *Physalaemus albifrons*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T57238A11607117. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57238A11607117.en>. Acessado em: 08/12/2018.

BOKERMANN, W.C.A. 1966. Lista Anotada das Localidades Tipo de Anfíbios Brasileiros. São Paulo: Serviço de Documentação, Universidade Rural São Paulo.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 08/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

***Physalaemus cuvieri* Fitzinger, 1826**

Figura 7 (c-d)

Physalaemus cuvieri Fitzinger, 1826

Physalaemus cuvieri Jan, 1857
Gomphobates notatus Reinhardt and Lütken, 1862 “1861”
Paludicola notata Peters, 1872
Paludicola bischoffi Boulenger, 1887
Paludicola neglecta Ahl, 1927
Physalaemus neglecta Milstead, 1963
Physalaemus neglectus Cochran and Goin, 1970
Physalaemus neglectus neglectus Cochran and Goin, 1970

Localidade-tipo. “América, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rã-cachorro” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Barreiras, Brotas de Macaúbas, Cachoeira, Caetité, Camaçari, Catu, Formosa do Rio Preto, Guaratinga, Jaguaripe, Lauro de Freitas, Macaúbas, Mata de São João, Morro do Chapéu, Mulungu do Morro, Pojuca, Rio de Contas, Salvador, Santa Rita de Cássia, São Desidério, Serra do Ramalho, Valença e Wenceslau Guimarães; CEARÁ: Beberibe, Crato, Guaramiranga, Ipu e Maranguape; MINAS GERAIS: Turmalina; PERNAMBUCO: Igarassu; RIO GRANDE DO NORTE: Goianinha; SANTA CATARINA: Timbé do Sul; SÃO PAULO: Fartura; SERGIPE: Capela e Indiaroba.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 08/12/2018.
- MIJARES, A., RODRIGUES, M. T. & BALDO, D. 2010. *Physalaemus cuvieri*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T57250A11609155. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T57250A11609155.en>. Acessado em: 08/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Physalaemus kroeyeri (Reinhardt & Lütken, 1862)

Figura 7 (e-f)

Gomphobates kröyeri Reinhardt & Lütken, 1862 “1861”
Paludicola kröyeri Boulenger, 1882
Physalaemus kröyeri Bokermann, 1966
Physalaemus kroeyeri Lynch, 1971
Physalaemus kroeyeri Cannatella, 1985

Localidade-tipo. “Cachoeira de São Félix, pelo Rio Paraguassu, Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rã-chorona” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Barreiras, Caetité, Camaçari, Campo Formoso, Canudos, Conde, Encruzilhada, Guaratinga, Ibicoara, Ituaçu, Jaborandí, Jacobina, Jandaíra, Lençóis, Maracás, Mata de São João, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Mucugê, Porto Seguro, Salvador, Santa Rita de Cássia, São Desidério, Valença e Wenceslau Guimarães; MINAS GERAIS: Coronel Murta; PERNAMBUCO: Recife.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

ARZABE, C. & SILVANO, D. 2004. *Physalaemus kroyeri*. The IUCN Red List of Threatened Species

2004: e.T57261A11611290. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57261A11611290.en>. Acessado em: 09/12/2018.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 09/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Physalaemus signifer (Girard, 1853)

Figura 7 (g-h)

Rhinoderma signifera Girard, 1853

Phyllobates glandulosus Steindachner, 1867

Paludicola signifera Boulenger, 1891

Paludicola signifera Baumann, 1912

Paludicola bressloui Müller, 1924

Physalaemus bressloui Parker, 1927

Physalaemus signifera Cochran, 1955 “1954”

Physalaemus signifera Cannatella, 1985

Localidade-tipo. “Rio de Janeiro, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rãzinha-do-folhico” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Belmonte, catu, Itacaré, Itamaraju, Ituberá, Jaguaripe, Maragogipe, Mata de São João, Porto Seguro, Prado, São Sebastião do Passé e Ubaíra.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 09/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).
- SLUYS, M. V. & ROCHA, C. F. 2010. *Physalaemus signifer*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T57277A11613825. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T57277A11613825.en>. Acessado em: 09/12/2018.

Pleurodema diplolister (Peters, 1870)

Cystignathus diplolistris Peters, 1870
Paludicola diplolistris Boulenger, 1882
Pleurodema diplolistris Nieden, 1923
Pleurodema diplolistre Duellman, 1993
Pleurodema diplolister De la Riva & Gonzales-Álvarez, 1998

Localidade-tipo. “Ceará, nordeste do Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rãzinha-da-areia” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. ALAGOAS: Piranhas; BAHIA: Aracatu, Barreiras, Caetitê, Camaçari, Conde, Curaçá, Entre Rios, Feira de Santana, Ibiraba, Ipirá, Itacaré, Jandaíra, Mata de São João, Morro do Chapéu, Pilão Arcado, Pindaí, Salvador, Vera Cruz e Xique-Xique; CEARÁ: Beberibe.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 09/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).
- PEIXOTO, O. L. ARZABE, C. & ANDRADE, G. 2010. *Pleurodema diplolister*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T57286A11600916. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T57286A11600916.en>. Acessado em: 09/12/2018.

Pseudopaludicola mystacalis (Cope, 1887)

Paludicola mystacalis Cope, 1887
Physalaemus mystacalis Nieden, 1923
Pseudopaludicola mystacalis Haddad & Cardoso, 1987

Localidade-tipo. “Chapada dos Guimarães, 30 milhas a nordeste de Cuiabá e perto das cabeceiras do Xingu, um importante afluente da Amazônia, Mato Grosso, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rãzinha-grilo” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Amargosa, Aracatu, Camaçari, Conde, Entre Rios, Inhambupe, Ipu, Jandaíra e Mata de São João; CEARÁ: Beberibe, Camocim; PERNAMBUCO: Igarassu.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 09/12/2018.

LAVILLA, E., COLLI, G., REICHLER, S., DE LA RIVA, I., FAIVOVICH, J. & BALDO, D. 2004. *Pseudopaludicola mystacalis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T57317A11619059. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57317A11619059.en>. Acessado em: 09/12/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Família MICROHYLIDAE Günther, 1858

A família Microhylidae tem como características principais corpo ovoide ou globoso, cabeça triangular e diminuta em relação ao corpo, boca pequena, pele lisa e dorso e ventre manchados. Permanecem enterrados no solo boa parte do ano e têm reprodução explosiva (Napoli et al. 2017). Essa família é representada por 662 espécies, distribuídas em 13 subfamílias (Frost, 2018). Dentre essas, estão presentes no litoral norte três gêneros.

Chiasmocleis sapiranga Cruz, Caramaschi & Napoli, 2007

Figura 8 (a-b)

Chiasmocleis sapiranga Cruz, Caramaschi, and Napoli, 2007

Localidade-tipo. “Reserva Sapiranga, município de Mata de São João, estado da Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rãzinha-da-mata” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Mata de São João.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Dados deficientes (DD).

Referências.

- ANGULO, A. 2008. *Chiasmocleis sapiranga*. The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T136127A4245064. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T136127A4245064.en>. Acessado em: 10/12/2018.
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Dermatonotus muelleri (Boettger, 1885)

Figura 8 (c-d)

Engystoma mülleri Boettger, 1885
Hypopachus mülleri Peracca, 1895
Hypopachus muelleri Boulenger, 1895
Dermatonotus mülleri Méhely, 1904
Gastrophryne muelleri Stejneger, 1910
Dermatonotus muelleri Nieden, 1926

Localidade-tipo. "Paraguai, Amer. Merid." (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rã-manteiga” (Frost 2018)

Bioma. Mata Atlântica e Cerrado

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. ALAGOAS: Piranhas; BAHIA: Barra, Barra do Itariri, Barreiras, Brotas de Macaúbas, Camaçari, Encruzilhada, Esplanada, Jacobina, Macaúbas, Maracás, Mata de São João, Paulo Afonso, Praia do Forte, Salvador, Santa Rita de Cássia, São Roque do Paraguaçu, Valença e Xique-Xique; PARÁ: Prainha.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- COLLI, G., REICHLER, S., SILVANO, D. & FAIVOVICH, J. 2004. *Dermatonotus muelleri*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T57804A11683931. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57804A11683931.en>. Acessado em: 10/12/2018.
- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Elachistocleis cesarii (Miranda-Ribeiro, 1920)**Figura 8 (e-f)**

Engystoma ovale cesarii Miranda-Ribeiro, 1920
Engystoma ovale lineatum Miranda-Ribeiro, 1920
Engystoma cesarii mottae Miranda-Ribeiro, 1920
Elachistocleis cesarii Toledo, Loebmann & Haddad, 2010

Localidade-tipo. “Piquete”, “Os Perus”, “Alto da Serra-S. Paulo” e “Cubatão-Santos”, São Paulo, Brasil; restrito a “São Paulo”, Brasil (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “razinha-da-mata” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Camaçari, Juazeiro, Santa Rita de Cássia e Saubara; SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça.

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Stereocyclops incrassatus Cope, 1870

Stereocyclops incrassatus Cope, 1870 “1869”
Emydops hypomelas Miranda-Ribeiro, 1920
Hypopachus incrassatus Parker, 1934
Ribeirina hypomelas Parker, 1934
Stereocyclops incrassatus Carvalho, 1948
Ribeirina hypomelas Dunn, 1949

Localidade-tipo. “Próximo a São Matheos, [Espírito Santo], sul do Rio de Janeiro, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “rã-da-chuva” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Camaçari, Catu, Ilhéus, Ipiaú, Mata de São João, Porto Seguro, Salvador, Uruçuca e Valença.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).
- PEIXOTO, O. L., PIMENTA, B. & CARVALHO-E-SILVA, S. P. 2010. *Stereocyclops incrassatus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T58006A11712656. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T58006A11712656.en>. Acessado em: 10/12/2018.

Família ODONTOPHRYNIDAE Lynch, 1969

A família Odontophrynidae tem como características principais: corpo grande, robusto, arredondado em vista dorsal, pouco diferenciado da cabeça, cabeça muito grande, abertura bucal grande, presença de dentes maxilares (longos e pontudos) e de dentes pré-maxilares, pernas curtas e olhos salientes. Essa família é representada por 54 espécies, distribuídas em três gêneros (Frost, 2018). Dentre esses, estão presentes no litoral norte um gênero que é *Proceratophrys* Miranda-Ribeiro, 1820.

As espécies do gênero *Proceratophrys* Miranda-Ribeiro, 1820 possuem apêndices palpebrais longos de unicuspidados e tumefações atrás de cada olho e tubérculos grandes nas margens das palpebras superiores Miranda-Ribeiro, 1820.

***Proceratophrys renalis* (Miranda-Ribeiro, 1920)**

Figura 8 (g-h)

Ceratophrys renalis Miranda-Ribeiro, 1920

Stombus renalis Miranda-Ribeiro, 1920

Proceratophrys renalis Lynch, 1971

Localidade-tipo. “Itabuna, Bahia, Brasil” (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “sapo-de-chifre” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Camamu, Ilhéus, Itamaraju, Ituberá, Mata de São João, Porto Seguro e Uruçuca.

Grau de ameaça.

Referências.

- FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 10/12/2018.
- NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

Família PHYLLOMEDUSIDAE Günther, 1858

A família Phyllomedusidae apresenta características que lhe são peculiares, como por exemplo: superfícies dorsais sempre verdes (rosa ou azul em álcool) e faces ocultas dos membros e flancos do corpo de coloração vívida (por exemplo, amarelo, laranja, azul) Napoli et al. (2017). Essa família é representada por 65 espécies, distribuídas em 6 gêneros (Frost, 2018). Dentre esses, estão presentes no litoral norte, três gêneros, que são: *Hylomantis* Peters, 1873, *Pithecopus* Cope, 1866 e *Phyllomedusa* Wagler, 1830.

Pithecopus Cope, 1866 e *Phyllomedusa* Wagler, 1830 são gêneros que possuem espécies de coloração verde, pupila vertical, movimentos lentos e cores vivas (p.ex., amarelo, laranja, azul) nas partes ocultas do corpo (flancos e coxas) Napoli et al. (2017), ossificação do crânio variável e pele da cabeça não co-ossificada ao crânio Caramaschi and Cruz (2002).

As espécies do gênero *Hylomantis* Peters, 1873 “1872” tem como características principais: dedos e artelhos com palmatura vestigial a ausente, discos terminais de tamanho moderado, lanceolados; primeiro artelho mais curto que o segundo e não-oponível aos outros; pele acentuadamente granulosa; glândulas paratóides ausentes; íris creme; crânio moderadamente baixo; nasais grandes Caramaschi and Cruz (2002).

As espécies do gênero *Phyllomedusa* tem como características principais: dedos e artelhos com membranas grandemente reduzidas ou ausentes, discos terminais pequenos, primeiro artelho mais curto, igual ou mais longo que o segundo, oponível ou não aos outros; pele lisa ou rugosa; glândula paratóides presentes na maioria das espécies, geralmente distintas e elevadas, crânio moderado a alto Caramaschi & Cruz (2002).

Hylomantis aspera (Peters, 1873)

Figura 9 (a-b)

Phyllomedusa aspera Boulenger, 1882

Phyllomedusa (Hylomantis) aspera Lutz, 1950

Hylomantis aspera Lutz, 1968; Cruz, 1991 “1990”

Agalychnis aspera Faivovich, Haddad, Baêta, Jungfer, Álvares, Brandrão, Sheil, Barrientos, Barrio-Amorós, Cruz & Wheeler, 2010.

Hylomantis asperus Duellman, Marion & Hedges, 2016

Localidade-tipo. “Provavelmente Caravelas”, Bahia, Brasil (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca-das-folhagens” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Mata Atlântica IUCN (2018); (Napoli et al. 2017)

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. BAHIA: Ilhéus.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 15/09/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

SILVANO, D. & PIMENTA, B. 2010. *Agalychnis aspera*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010:e.T55703A11352233. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55703A11352233.en>. Acessado em 15/09/2018.

Phyllomedusa bahiana Lutz, 1925

Figura 9 (c-d)

Pithecopus burmeisteri bahiana Lutz, 1966

Pithecopus bahiana Laurent, 1967

Phyllomedusa burmeisteri bahiana Pombal & Haddad, 1992

Phyllomedusa bahiana Silva & Juncá, 2006; Lutz, 1925

Localidade-tipo. Salvador, estado da Bahia, Brasil [*sensu* Bokermann (1966), indefinido se município ou cidade, conforme se lê: “Originalmente, constou na descrição a indicação de “Bahia”, nome antigamente muitas vezes empregado para designar a capital desse Estado. Na coleção Adolpho Lutz, o Tipo, ex. n. 768, vem acompanhado da indicação: Salvador, Bahia”].

Nome popular e etimologia. “perereca-das-folhagens” (Haddad et al. 2008). O nome *Phyllomedusa* tem origem no Grego “*phyllo*” (folha ou folhagem) e “*medousa*” (rainha ou protetora), culminando no significado “rainha da folhagem” ou “protetora da folhagem” (Caramaschi & Cruz 2002). O nome se refere à coloração verde das superfícies externas do animal em vida que remete à cor da folhagem. A ideia de “rainha ou protetora” se refere ao tamanho de médio à grande das espécies do gênero, além de incluir uma das maiores espécies de hílideo conhecida, *Phyllomedusa bicolor* (Caramaschi & Cruz 2002).

Bioma. Mata Atlântica e Caatinga.

Atividade. Noturna para os adultos (Haddad et al. 2008).

Distribuição geográfica. BAHIA: Municípios de Amargosa, Caetité, Camaçari, Camamu, Canavieiras, Catu, Encruzilhada, Ibicoara, Igrapiúna, Itabuna, Itabepi, Itaobim, Ituberá, Macaúbas, Maracás, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Mucugê, Lençóis, Planaltino. Além da Área de Proteção Ambiental Pratigi (APA estadual municípios de Igrapiúna, Ituberá e Nilo Peçanha). SERGIPE: Indiaroba e Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Menos preocupante (LC).

Referências.

CARAMASCHI, U. & CRUZ, C.A.G. 2002. *Phyllomedusa*: posição taxonômica, hábitos e biologia (Amphibia, Anura, Hylidae). *Phyllomedusa* 1(1):5-10.

HADDAD, C.F.B., TOLEDO, L.F & PRADO, C.P.A. 2008. Anfíbios da Mata Atlântica: guia dos anfíbios anuros da Mata Atlântica. Editora Neotropica, São Paulo, 243p.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 12/09/2018.

JUNCÁ, F. 2008. *Phyllomedusa bahiana*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2018-1. e.T135791A4201934. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T135791A4201934.en>. Acessado em: 14/07/2018.

Pithecopus nordestinus (Caramaschi, 2006)

Figura 9 (e-f)

Phyllomedusa nordestina Caramaschi, 2006

Pithecopus nordestinus Duellman, Marion, and Hedges, 2016

Localidade-tipo. Brasil: Bahia: Município de Maracás (Frost 2018)

Nome popular e etimologia. “perereca-das-folhagens” (Napoli et al. 2017)

Bioma. Caatinga IUCN (2018); (Caramaschi 2006)

Atividade. Noturna

Distribuição geográfica. ALAGOAS: Piranhas. BAHIA: Caetité, Catu, Conde, Curaçá, Encruzilhada, Ibiassucê, Igrapiúna, Ilheús, Itapebi, Jacobina, Macaúbas, Maracás, Paulo Afonso, Poções e Porto Seguro. CEARÁ: Beberipe, Camocim. Guaramiranga e Ipu. MINAS GERAIS: Araçuaí e Jacinto. SERGIPE: Capela.

Grau de ameaça. IUCN (2018): Dados deficientes (DD).

Referências.

ÂNGULO, A. 2016. *Pithecopus nordestinus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T135878A107298562. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T135878A107298562.en>. Acessado em: 15/09/2018.

CARAMASCHI, U. 2006. Redefinição do grupo de *Phyllomedusa hypochondrialis*, com redescritção de *P. megacephala* (Miranda-Ribeiro, 1926), revalidação de *P. azurea* Cope, 1862 e descrição de uma nova espécie (Amphibia, Anura, Hylidae). Arquivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro 64: 159-179.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: na Online Reference. Version 6.0 (14/07/2018). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em 15/09/2018.

NAPOLI, M. F., MENEZES, L. & ABREU, R. O. 2017. Anfíbios in Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação, EDUFBA 1ed. 3 (pp. 357– 392).

SILVA-FILHO, I.S.N & JUNCÁ, F.A. 2006. Evidence of full species status of the Neotropical leaf-frog *Phyllomedusa burmeisteri bahiana* (A. Lutz, 1925) (Amphibia, Anura, Hylidae). Zootaxa 1113:51-64.

Tabela 1: Espécies de anfíbios anuros depositados na coleção de zoologia do Museu de História Natural da Bahia (MHNBA) que estão presentes no Litoral Norte. F: Indivíduos fotografados depositados no MHNBA. N: número de espécimes depositados no MHNBA para o estafo da Bahia.

Táxon	Nome popular	F	N
Aromobatidae			
1. <i>Allobates olfersioides</i>	“sapinho/rãzinha foguete”	7	72
Bufoidea			
1. <i>Dendrophryniscus proboscideus</i>	“sapinho-bicudo”		4
2. <i>Rhinella crucifer</i>	“cururuzinho” ou “sapo-da-mata”		253
3. <i>Rhinella granulosa</i>	“sapo-granuloso”	9	508
4. <i>Rhinella hoogmoedi</i>	“sapo-folha”	3	123
5. <i>Rhinella jimi</i>	“sapo-cururu” ou “cururuzão”		170
Craugastoridae			
1. <i>Haddadus binotatus</i>	“rã-do-folhico”	5	102
2. <i>Pristimantis paulodutra</i>	“rãzinha-do-folhico”		1108
Hylidae			
1. <i>Boana albomarginata</i>	“perereca-verde”	5	260
2. <i>Boana crepitans</i>	“perereca”	5	184
3. <i>Boana faber</i>	“perereca-martelo”	10	101
4. <i>Boana pombali</i>	“perereca-dormideira”	5	60
5. <i>Boana raniceps</i>	“perereca-zebrada”	5	89
6. <i>Boana semilineata</i>	“perereca”	12	99
7. <i>Dendropsophus branneri</i>	“pererequinha”		576
8. <i>Dendropsophus elegans</i>	“perereca-de-moldura”		201
9. <i>Dendropsophus haddadi</i>	“pererequinha”	10	61
10. <i>Dendropsophus minutus</i>	“pererequinha-do-brejo”		365
11. <i>Dendropsophus nanus</i>	“pererequinha-do-brejo”		137
12. <i>Dendropsophus oliveirai</i>	“pererequinha”	4	162
13. <i>Dendropsophus rubicundulus</i>	“pererequinha-verde”	9	115
14. <i>Dendropsophus studerae</i>	“perereca-de-bigode-branco”		20
15. <i>Itapotihyla langsdorffii</i>	“perereca-castanhola”	25	82
16. <i>Ololygon argyreornata</i>	“pererequinha”		152
17. <i>Ololygon melanodactyla</i>	“pererequinha-de-banheiro”		258
18. <i>Phyllodytes melanomystax</i>	“perereca-de-bigode-das-bromélias”		160
19. <i>Phyllodytes wuchereri</i>	“perereca-das-bromélias”		4
		2	
20. <i>Scinax auratus</i>	“perereca-dourada”	10	83
21. <i>Scinax cretatus</i>	“perereca-dourada”	1	88
22. <i>Scinax eurydice</i>	“raspa-cuia”		192
23. <i>Scinax fuscomarginatus</i>	“pererequinha-do-brejo”	1	139
24. <i>Scinax x-signatus</i>	“perereca-de-banheiro”		326
25. <i>Sphaenorhynchus prasinus</i>	“pererequinha-limão”	7	61
26. <i>Trachycephalus atlas</i>	“perereca-de-capacete”	12	16
27. <i>Trachycephalus mesophaeus</i>	“perereca-grudenta”	28	42
Leptodactylidae			
1. <i>Leptodactylus fuscus</i>	“rã-assobiadora”		155
2. <i>Leptodactylus macrosternum</i>	“rã-manteiga”	1	83
3. <i>Leptodactylus mystaceus</i>	“rã-marrom”	6	139

4. <i>Leptodactylus mystacinus</i>	“rã-de-bigode”	5	8
5. <i>Leptodactylus natalensis</i>	“rã-borbulhante”		182
6. <i>Leptodactylus troglodytes</i>	“rã-piadora”	6	76
7. <i>Leptodactylus vastus</i>	“rã-pimenta”	10	35
8. <i>Physalaemus albifrons</i>	“rã-chorona”		722
9. <i>Physalaemus cuvieri</i>	“rã-cachorro”	10	202
10. <i>Physalaemus kroyeri</i>	“rã-chorona”	12	138
11. <i>Physalaemus signifer</i>	“rãzinha-do-folhiço”	38	150
12. <i>Pleurodema diplolister</i>	“rãzinha-da-areia”		942
13. <i>Pseudopaludicola mystacalis</i>	“rãzinha-grilo”		46
Microhylidae			
1. <i>Chiasmocleis sapiranga</i>	“rãzinha-da-mata”	1	21
2. <i>Dermatonotus muelleri</i>	“rã manteiga”	5	225
3. <i>Elachistocleis cesarii</i>	“rãzinha-da-mata”	4	38
4. <i>Stereocyclops incrassatus</i>	“rã-da-chuva”		140
Phyllomedusidae			
1. <i>Hylomantis aspera</i>	“perereca-das-folhagens”	1	5
2. <i>Phyllomedusa bahiana</i>	“perereca-verde-grande”	84	87
3. <i>Pithecopus nordestinus</i>	“perereca-das-folhagens”	32	336
Odontophrynidae			
1. <i>Proceratophrys renalis</i>	“sapo-de-chifre”	7	18



Figura 1: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositados no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Allobates olfersioides* (UFBA 8270); (c-d) *Rhinella granulosa* (UFBA 12672); (e-f) *Rhinella hoogmoedi* (UFBA 3868); (g-h) *Haddadus binotatus* (UFBA 13790).

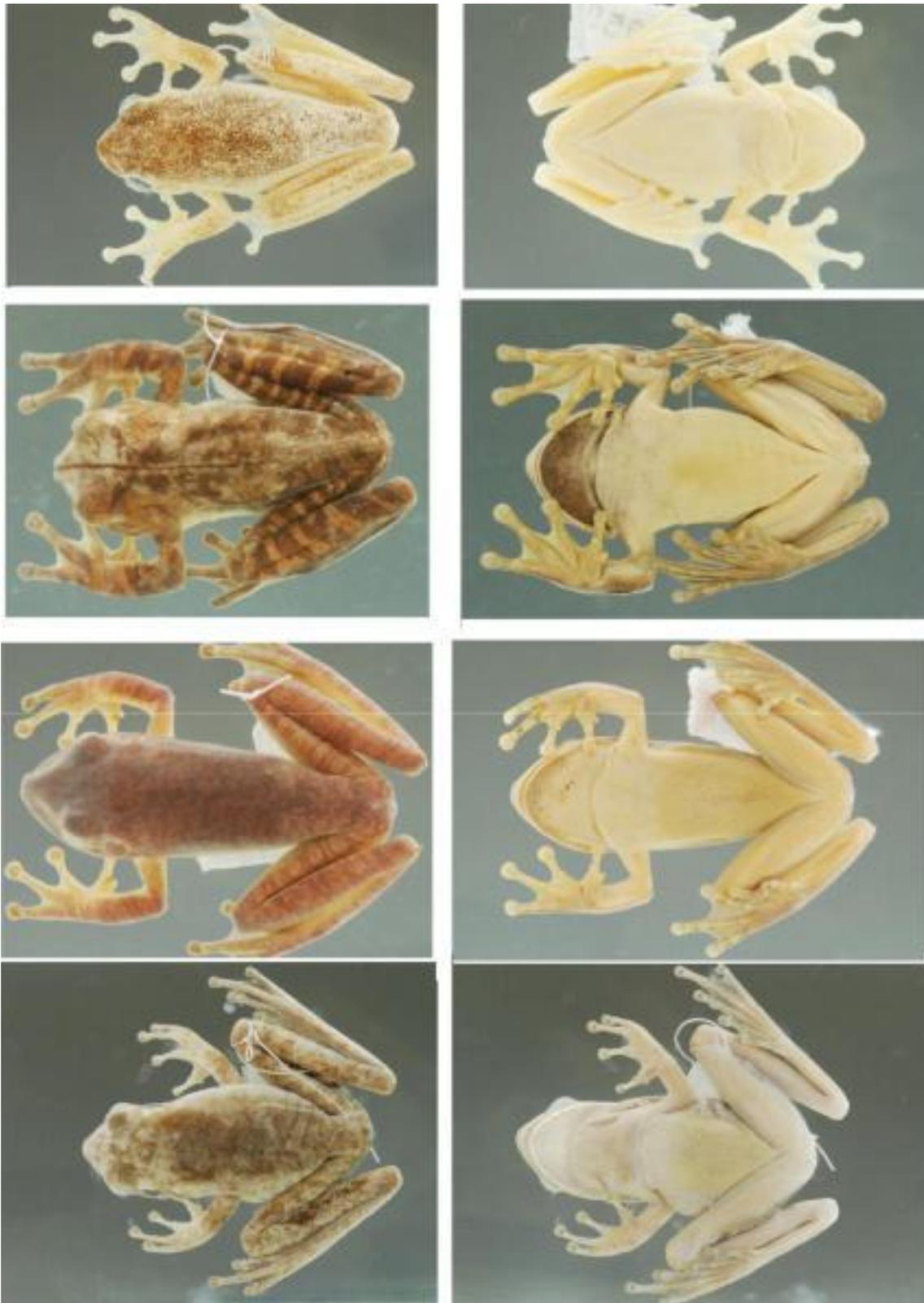


Figura 2: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositados no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Boana albomarginata* (UFBA 5952); (c-d) *Boana faber* (UFBA 7786); (e-f) *Boana pombali* (UFBA 4606); (g-h) *Boana raniceps* (UFBA 16176).

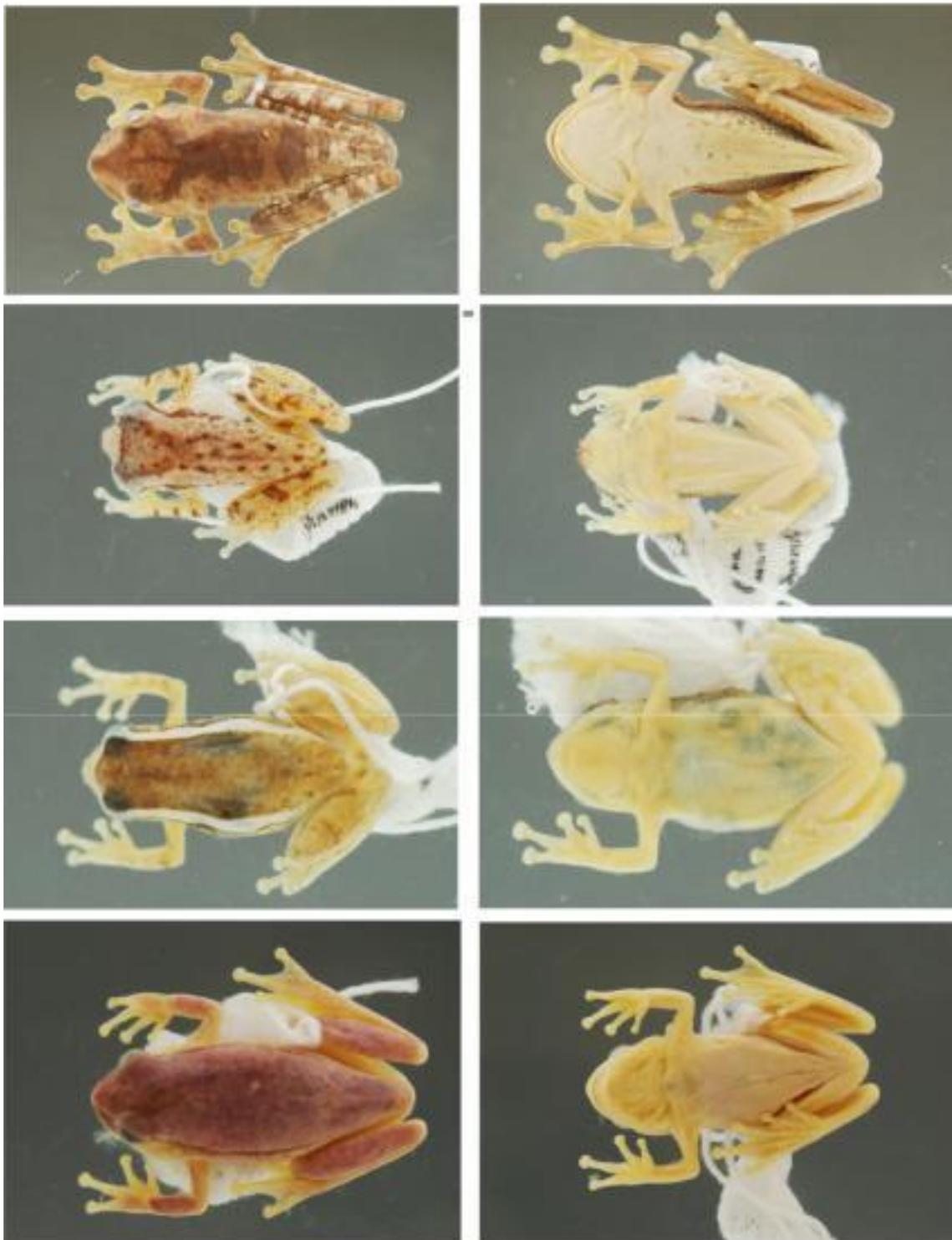


Figura 3: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositados no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Boana semilineata* (UFBA 3892); (c-d) *Dendropsophus haddadi* (UFBA 10110); (e-f) *Dendropsophus oliverai* (UFBA 10358); (g-h) *Dendropsophus rubicundulus* (UFBA 9430).



Figura 4: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositados no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Itapotihyla langsdorfii* (UFBA 3901); (c-d) *Phyllodytes wuchereri* (UFBA 9629); (e-f) *Scinax auratus* (UFBA 4042); (g-h) *Scinax cretatus* (UFBA 9079).



Figura 5: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositados no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Scinax fuscomarginatus* (UFBA 9061); (c-d) *Sphaenorhynchus prasinus* (UFBA 13652); (e-f) *Trachycephalus atlas* (UFBA 12397); (g-h) *Trachycephalus mesophaeus* (UFBA 4454).



Figura 6: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositados no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Leptodactylus macrosternum* (UFBA 14591); (c- d) *Leptodactylus mystaceus* (UFBA 12997); (e-f) *Leptodactylus mystacinus* (UFBA 5815); (g- h) *Leptodactylus troglodytes* (UFBA 7695).

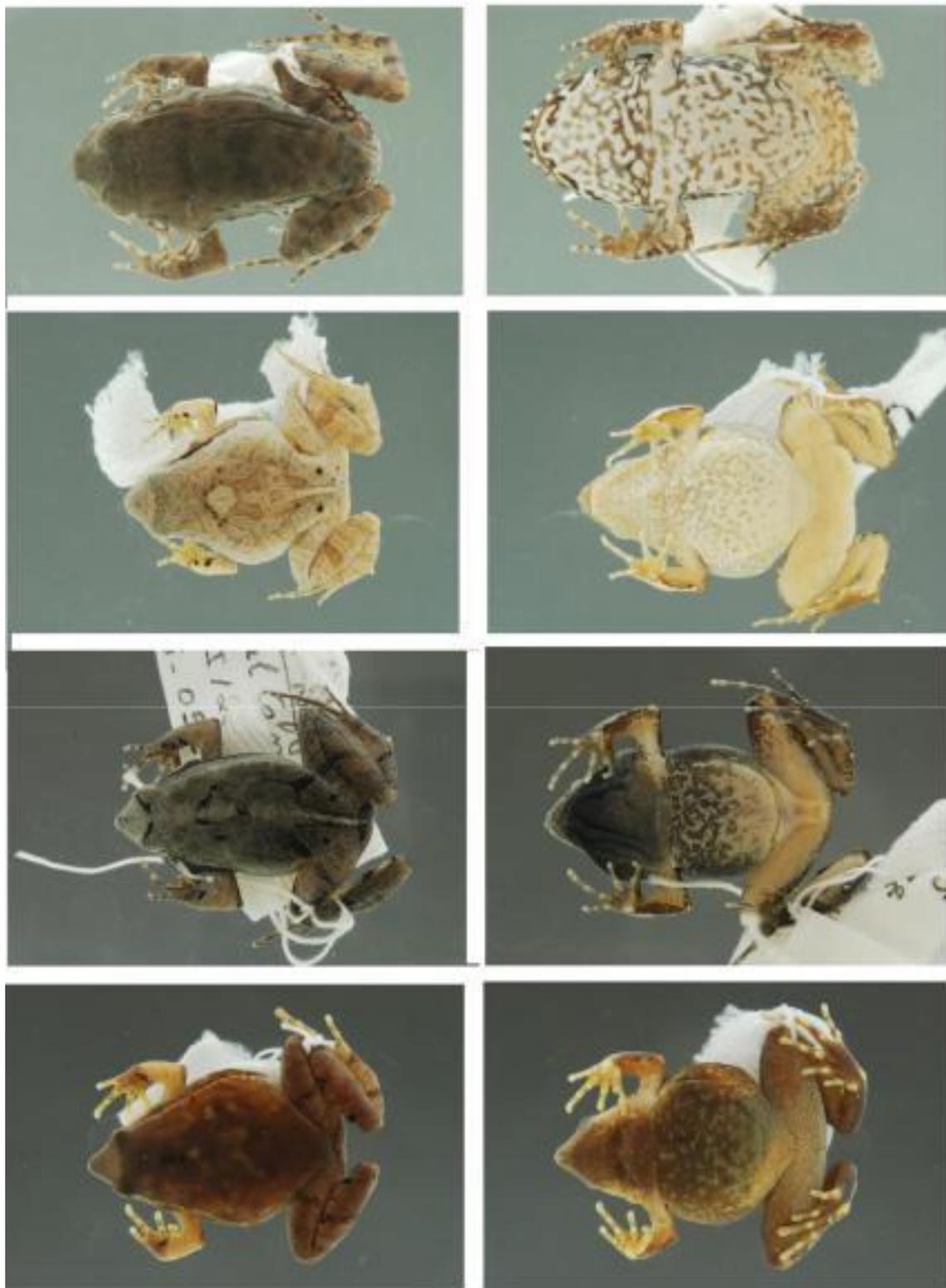


Figura 7: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositados no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Leptodactylus vastus* (UFBA 14045); (c-d) *Physalaemus cuvieri* (UFBA 8180); (e-f) *Physalaemus kroyeri* (UFBA 15923); (g-h) *Physalaemus signifer* (UFBA 6430).



Figura 8: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositados no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Chiasmocleis sapiranga* (UFBA 11866); (c-d) *Dermatotonotus muelleri* (UFBA 15232); (e-f) *Elachistocleis cesarii* (UFBA 13350); (g-h) *Proceratophrys renalis* (UFBA 10460).



Figura 9: Fotografia, vista dorsal e ventral, das espécies depositados no Museu de História Natural da Universidade Federal da Bahia. (a-b) *Hylomantis aspera* (UFBA 8293); (c-d) *Phyllomedusa bahiana* (UFBA 15685); (e-f) *Pithecopus nordestinus* (UFBA 15865).